



MISSIONÁRIOS

DO COTIDIANO

DANÇA CRISTÃ: UMA REFLEXÃO

RELATÓRIO DE PESQUISA

ANA CECÍLIA ROCHA VEIGA
2014



SOBRE A AUTORA

Ana Cecília Nascimento Rocha Veiga nasceu num lar cristão, onde aprendeu a amar as Escrituras. Casada com o médico Alberto Nogueira Veiga, com quem compartilha a alegria de ser mãe do pequeno Mateus. É professora da Universidade Federal de Minas Gerais e assessora auxiliar na Aliança Bíblica Universitária de BH. Membro da Igreja Metodista Congregacional onde, juntamente com seu esposo, leciona no Curso de Noivos.

SOBRE A LIVRE REPRODUÇÃO E DIREITOS AUTORAIS

Optamos pela publicação virtual uma vez que a Internet se apresenta como um veículo democrático, acessível e gratuito aos leitores. Assim, a série de estudos bíblicos e demais publicações do *site* "Missionários do Cotidiano" pode ser reproduzida livremente, desde que sejam citadas as fontes, mantidos os textos em sua integridade – sem alterações – e sem obtenção de vantagem comercial sobre as cópias. O conteúdo desta pesquisa, bem como futuras outras publicações, pode ser obtido por *download* gratuito no endereço www.missionariosdocotidiano.org

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pela sua Palavra inspiradora, pela fé, pela salvação. Ao meu esposo e aos meus pais, pela leitura atenta e pelas preciosas sugestões. A todos os colaboradores que contribuíram para esta pesquisa, citados ao longo do texto ou anônimos, que Deus os abençoe ricamente.

Primeira publicação
Julho/2014.



SUMÁRIO

- 1 – Apresentação.04
- 2 – Etapas e Ferramentas da Pesquisa.04
- 3 – Aporte Bíblico: a dança nas Escrituras.06
- 4 – Aporte histórico-cultural da dança cristã.23
- 5 – Aporte espiritual da dança cristã.33
- 6 – Referências.37
- 7 – Anexos.40

DANÇA CRISTÃ: UMA REFLEXÃO

1 – APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa iniciou-se em 2011, com o objetivo de embasar a elaboração de conteúdo para um evento de capacitação da liderança da ABU – Aliança Bíblica Universitária¹, da qual fazemos parte como assessora auxiliar² de Belo Horizonte. O encontro se intitulava TIS³ Tabus – Dança Cristã, dentro da proposta de discutirmos, em uma série de TIS, assuntos polêmicos diversos e pertinentes à vida cristã e à compreensão da igreja contemporânea. Entretanto, à medida que nos preparávamos, percebemos o quão complexo era o tema, bem como o quanto desconhecíamos este universo, visto que a dança não faz parte da nossa vida nem como ministério, nem profissionalmente ou como *hobby*, apenas como divertimento amador. Após estas constatações, propusemos um adiamento do evento e o desenvolvimento de uma pesquisa mais ampla sobre o assunto, que tomou curso por três anos. Neste período o tema foi abordado por três diferentes perspectivas, constantes neste relatório: aporte bíblico, aporte histórico-cultural e aporte espiritual. Apesar de ter se originado das demandas do nosso ministério na Aliança Bíblica, esta consiste em uma pesquisa independente, não configurando uma posição oficial da ABUB. Esperamos, com este trabalho, contribuir para o debate acerca dos dons e ministérios cristãos na igreja contemporânea, para honra e glória do Senhor.

2 – ETAPAS E FERRAMENTAS DA PESQUISA

a) Identificação das ocorrências da palavra *dança* e suas derivadas na Bíblia: As fontes consultadas para identificação das citações sobre “dança” na Bíblia foram:

1) Leitura Integral realizada por nós na Bíblia Sagrada, traduzida em português por João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição, em letra grande, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

2) Portal Bíblia Online, busca pelas palavras “dança”, “dançar”, “dance” e “dançou” nas seguintes versões: Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF), Almeida Revisada Imprensa Bíblica (AA), Nova Versão Internacional (NVI), Sociedade Bíblica Britânica (TB), Versão Católica (VC).

3) Aplicativo Bíblia Sagrada, versão 4.0.1, desenvolvido pela Net Filter e Maquinário Laboratório Criativo, Versão Neo Vulgata (NVg) da CNBB, busca pelas palavras (e partes de palavras) “dança”, “dance” e “danço”.

4) Portal Bíblia Católica, busca pelas palavras “dança”, “dançar”, “dance” e “dançou” nas seguintes versões: Bíblia da CNBB, Bíblia Sagrada.

¹ ABUB – Aliança Bíblica Universitária do Brasil www.abub.org.br

² Missionária voluntária de apoio à liderança estudantil.

³ Treinamento Intensivo de Sábado - TIS



- b) Cultos com danças, ensaios de ministérios de dança cristã, bem como visita de passagem em um congresso de dança cristã referência no meio evangélico;
- c) Entrevista com ministros de dança por meio de questionário escrito e identificado, via e-mail (10) e presencial (22), somando ao todo 32 ministros de dança de diversos lugares do nosso país.
- d) Entrevista por e-mail com especialista em história da igreja, Reverendo Alderi Souza de Matos (Historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil e autor de inúmeras publicações históricas).
- e) Leitura de diversas bibliografias sobre dança cristã, louvor, liturgia e cultura (livros, artigos, sites, blogs, etc.). Objetivando não personalizar a nossa pesquisa e/ou possíveis críticas, não incluímos nas referências bibliográficas as publicações de ministros de dança, mas as mesmas foram devidamente lidas e pesquisadas, bem como citadas na forma de relato ao longo do texto. Aqueles pesquisadores que desejarem saber a referência de algum relato não identificado, gentileza entrar em contato conosco.
- f) Vídeos diversos sobre dança cristã e louvor, assistidos em: programas de TV, YouTube, documentários, DVDs, sites, redes sociais;
- g) Perfil da pesquisa no Facebook: Seguindo a sugestão de diversos ministros de dança, estruturamos um perfil para o projeto de pesquisa no Facebook intitulado “Ana Veiga Dança Cristã”, com o objetivo de entrar em contato com ministros e companhia de danças cristãs, visitar seus perfis, identificar eventos e bibliografias, realizar enquetes, dentre outras possibilidades da ferramenta. Ao todo foram adicionados mais de 2.600 amigos, alguns convidados por nós, mas a grande maioria por solicitação dos próprios à medida que o perfil se tornava mais conhecido. Em nossa apresentação no mural, constava o seguinte texto introdutório: *“Sou professora universitária e assessora auxiliar da Aliança Bíblica Universitária de BH e, atendendo à demanda por parte de alguns estudantes, propus-me a elaborar uma palestra sobre o tema, que considero atual e pertinente. Nunca fiz parte de um ministério de dança, portanto, a minha visão sobre o assunto era muito externa, eu precisava conhecer este ministério internamente para falar sobre o mesmo com propriedade. Ao começar a estudar o assunto, vi que se tratava de um tema amplo e complexo, sendo necessários mais subsídios para ter uma opinião formada a respeito da dança nas igrejas. Foi quando decidi conduzir esta grande pesquisa, que inclui: leitura de livros sobre dança, louvor e igreja; visita a grupos de danças, apresentações e ensaios; entrevistas e questionários (podem ser respondidos virtualmente, basta escrever para pesquisadancacrista@gmail.com e participar!); organização de uma página no Facebook sobre a pesquisa, dentre outras atividades. Os resultados serão divulgados por meio de palestra na ABU-BH e textos escritos de acesso ao público em geral, que ainda irei elaborar ao final de todo o processo e comunicar a todos os participantes onde encontrá-los. Ajude-nos a conhecer a dança cristã e a divulgar a pesquisa!”*



3 – APORTE BÍBLICO: A DANÇA NAS ESCRITURAS

A ocorrência da palavra “dança” e suas derivadas na Bíblia

Nesta primeira parte da nossa pesquisa pretendemos nos concentrar no que a Bíblia tem a nos dizer, textualmente, sobre a dança. Segundo a nossa leitura integral, bem como consultando sistemas de busca, concordâncias, dicionários, palavras-chave e léxicos, concluímos que a Bíblia em português possui, em nossa classificação, 26 citações diretas sobre dança (vide lista completa dos textos em anexo). Incluímos nesta pesquisa somente os livros constantes na Bíblia protestante, mas em termos de versões, foram analisadas traduções evangélicas, católicas, judaicas e línguas originais. Cada ocorrência do termo identificada foi investigada em diferentes versões, bem como em sua palavra original, para posteriormente decidirmos se a mesma deveria ser incluída em nossa estatística ou não. Por exemplo, em Joel 2:21, lemos:

- Versão Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF): “*Não temas, ó terra: regozija-te e alegra-te, porque o Senhor fez grandes coisas.*”
- Bíblia do Peregrino: “*Não temas, solo; alegra-te, faz festa, porque o Senhor fez proezas;*”
- Neo Vulgata (NVg): “*Terra, nada de medo, dança e canta, pois o Senhor fez coisas grandiosas.*”

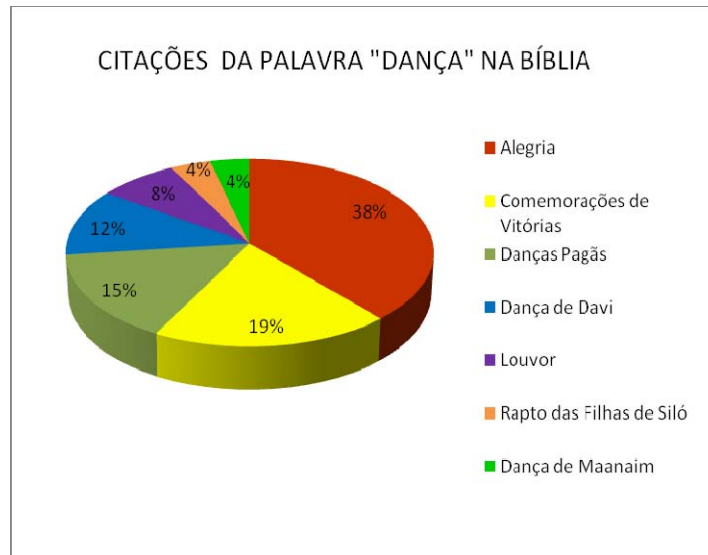
Em termos de significado, nas três versões supracitadas, o uso de diferentes palavras não alterou o sentido original da mensagem expressa no texto. Em termos de citação literal, concordam com a linha de tradução da ACF, que não inclui a palavra “dança” em Joel 2:21, as seguintes versões: Almeida Revisada Imprensa Bíblica (AA), Nova Versão Internacional (NVI), Sociedade Bíblica Britânica (TB), Versão Católica (VC), King James (KJV), Almeida Revista e Corrigida (Bíblia de Estudos Palavra-Chave – CPAD), Almeida Revista e Atualizada (Bíblia de Estudo Vida), Bíblia Judaica Completa (Vida), Bíblia Hebraica (Sêfer), Bíblia de Jerusalém (Paulus), Nova Bíblia Viva (MC), Bíblia em Linguagem Contemporânea (Vida), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (SBB), Tradução Brasileira (SBB). Na versão em linguagem original, a palavra hebraica em questão *gîl*⁴, tem sua raiz em “gil”, tendo sido traduzida em inglês pela NASB – *New American Standard Bible* – em 40 ocorrências (de 45 constantes na Bíblia) como variações de “regozijar-se”. A única versão em português que utiliza explicitamente a palavra “dança” no referido texto é a versão Neo Vulgata (NVg). Por esta razão, o texto de Joel 2:21 não entrou em nossas estatísticas de citação direta da palavra “dança” e suas derivadas, assim como outros oito textos (vide lista completa em anexo).

Os 26 textos classificados como citação direta sobre dança foram, por nós, categorizados de acordo com o sentido e/ou assunto que a palavra possui no contexto em que se encontra, sendo estas as divisões: Alegria (10 textos), Comemorações de Vitórias (5 textos), Danças Pagãs (4 textos), Dança de Davi (3 textos), Louvor (2 textos), Rapto das Filhas de Siló (1 texto), Dança

⁴ http://biblehub.com/hebrew/gili_1523.htm



de Maanaim (1 texto). Vamos, então, analisar cada categoria individualmente, seguindo a ordem supracitada que leva em consideração o número de citações em cada classificação.



Fonte: da autora, 2014.

A dança como sinônimo de alegria

Se tem algo que nos parece claro em nossa pesquisa é o quanto a sociedade do período bíblico incorporava a dança em suas atividades festivas, bem como o quanto a associava aos momentos de alegria, conclusão esta reforçada pelo fato de que grande parte dos textos identificados abordam a dança como sinônimo e/ou em contextos de alegria. Em Jeremias lemos como as mulheres, mas também os jovens e velhos, tomariam parte na dança: *“Então as moças dançarão de alegria, como também os jovens e os velhos. Transformarei o lamento deles em júbilo; Eu lhes darei consolo e alegria em vez de tristeza.”* Jeremias 31:13 (NVI)

Afirmações sobre alegria e dança podem ser encontradas no capítulo 31 de Jeremias e também nos Salmos 30:11 e 87:7. Até para descrever a alegria dos perversos a dança é uma figura de linguagem bíblica (Jó 21:11). São frequentes, inclusive, textos que contrapõem a lamentação/tristeza à dança, como em Eclesiastes (vide também Lamentações 5:15, Mateus 11:17, Lucas 7:32): *“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. (...) Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantejar, e tempo de dançar;”* Eclesiastes 3:1,4 (ACF)

Na Parábola do Filho Pródigo (Lucas 15:11-31), Jesus narra o retorno deste ao lar, que foi celebrado com músicas e danças (Lucas 15:25). Não há, portanto, em nossa interpretação, nenhuma crítica ou desabono à dança *per se*, nem no Velho, nem no Novo Testamento. Ao contrário, a alegria do pai ao receber o seu filho, nesta parábola uma alegoria do júbilo de Deus em receber de volta o pecador, foi expressa com festas e danças, dentro de um contexto



positivo. E são palavras atribuídas por Lucas ao próprio Cristo. Portanto, parece-nos respondida a questão se um cristão pode, de acordo com a Bíblia, dançar em contextos de alegria. Na Bíblia a dança é apresentada como algo inerente às manifestações humanas, como nos confirmam as constatações antropológicas nas mais diferentes épocas e culturas.

A dança e as comemorações de vitórias

Pelas narrativas bíblicas e, ainda dentro do contexto de festejos e contentamentos anteriormente elucidado, o povo de Israel comemorava suas vitórias com músicas e danças. A narrativa mais famosa de um destes eventos toma curso em Êxodo, quando o exército egípcio perseguia os recém-libertos escravos hebreus, tendo o faraó arrependido de tê-los deixados livres do cativeiro: *“Quando os cavalos, os carros de guerra e os cavaleiros do faraó entraram no mar, o Senhor fez que as águas do mar se voltassem sobre eles, mas os israelitas atravessaram o mar pisando em terra seca. Então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, pegou um tamborim e todas as mulheres a seguiram, tocando tamborins e dançando. E Miriã lhes respondia, cantando: ‘Cantem ao Senhor, pois triunfou gloriosamente. Lançou ao mar o cavalo e o seu cavaleiro’.*” Êxodo 15:19-21 (NVI)

Outra dança comemorativa teve consequências infelizes... Jefté prometeu ao Senhor que daria em sacrifício aquilo que, retornando ele para casa vitorioso, viesse primeiro ao seu encontro. A promessa, baseada em sacrifícios absurdos, recaiu sobre a pessoa que lhe era mais cara, sua única filha. A história é narrada em Juízes: *“Vindo, pois, Jefté a Mizpá, à sua casa, eis que a sua filha lhe saiu ao encontro com adufes e com danças; e era ela a única filha; não tinha ele outro filho nem filha. E aconteceu que, quando a viu, rasgou as suas vestes, e disse: Ah! filha minha, muito me abateste, e estás entre os que me turbam! Porque eu abri a minha boca ao Senhor, e não tornarei atrás. E ela lhe disse: Meu pai, tu deste a palavra ao Senhor, faze de mim conforme o que prometeste; (...). Disse mais a seu pai: Concede-me isto: Deixa-me por dois meses que vá, e desça pelos montes, e chore a minha virgindade, eu e as minhas companheiras. E disse ele: Vai. E deixou-a ir por dois meses; então foi ela com as suas companheiras, e chorou a sua virgindade pelos montes. E sucedeu que, ao fim de dois meses, tornou ela para seu pai, o qual cumpriu nela o seu voto que tinha feito; e ela não conheceu homem; e daí veio o costume de Israel, Que as filhas de Israel iam de ano em ano lamentar, por quatro dias, a filha de Jefté, o gileadita.”* Juízes 11:31-40

Sobre este voto, lemos o seguinte comentário: *“Se o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, como pôde fazer um voto tão estúpido? Não há relação entre o poder dado a Jefté pelo Espírito e o voto que fez. Contar com o Espírito Santo para uma tarefa especial não garante ausência de defeitos em outras áreas da vida. O voto de Jefté era uma tentativa de fazer um acordo com Deus em vez de confiar nEle. (...) Todo esse episódio ressalta que mesmo os que Deus usou como líderes nem sempre seguem seus caminhos. Em vez de confiar em Deus, Jefté tentou barganhar a bênção divina. O que conseguiu, em vez disso, foi tristeza.”* (Bíblia de Estudo Vida, 1998, p.389)



No primeiro livro de Samuel, as danças comemorativas trouxeram problemas a Davi, especialmente por conta dos coros provocativos entoados pelas mulheres em suas danças de vitória: *“Sucedeu, porém, que, vindo eles, quando Davi voltava de ferir os filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando, com adufes, com alegria, e com instrumentos de música. E as mulheres dançando e cantando se respondiam umas às outras, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém, Davi os seus dez milhares. Então Saul se indignou muito, e aquela palavra pareceu mal aos seus olhos, e disse: Dez milhares deram a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão só o reino? E, desde aquele dia em diante, Saul tinha Davi em suspeita.”* 1 Samuel 18:6-9 (ACF) O próprio Saul, neste mesmo capítulo, atentou contra a vida de Davi.

Em I Samuel 21:11, Davi já fugitivo quase foi morto, uma vez que *“(...) os criados de Aquis lhe disseram: Não é este Davi, o rei da terra? Não se cantava deste nas danças, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares?”* Os príncipes dos filisteus, em I Samuel 29:5, também se levantaram contra Davi, citando os mesmos motes cantados nas danças. O que chama bastante atenção nestes casos é o ato provocativo das mulheres. Não somente agiam com frieza, tripudiando das vidas perdidas em guerras, mas como também colocavam uns contra os outros de seu próprio povo, instigando a competição e, para usarmos termos bastante atuais, realizando um verdadeiro *bullying*. Tais eventos nos levam a refletir sobre a nossa postura ao lermos a Bíblia. Em diversos momentos o texto das Escrituras não faz juízo de valores, apenas narra as histórias de sua época, cabendo a nós avaliarmos, à luz do Espírito Santo e da ética cristã, aquilo que é correto ou não, fazendo diferenciação entre o que está ali para nos alertar sobre ações equivocadas daquilo que nos transmite um comportamento a ser seguido.

Danças Pagãs

A Bíblia também cita a dança em contextos pagãos. Em I Reis 18:26 a narrativa nos conta que os profetas de Baal dançavam ao redor do altar que construíram ao seu deus, clamando inutilmente para que mandasse fogo do céu. Na versão Almeida Revista e Atualizada, as expressões utilizadas foram: *“manquejando, movimentavam-se ao redor do altar que tinham feito.”* Os rituais incluíam, além da dança, a oferta de manjares, profecias e até mesmo o ferir-se a si mesmos com facas e lancetas. Sabemos, por pesquisas de historiadores e antropólogos, que a dança faz parte dos rituais de inúmeras religiões ao redor do mundo, desde a antiguidade até os dias de hoje.

Outro evento bem conhecido encontra-se em Mateus 14:06 e Marcos 6:22, quando a filha de Herodias dançou para Herodes em um banquete, levando o rei a prometer-lhe o que desejasse, até mesmo metade de seu reino. Instigada por sua mãe, a dançarina pede a cabeça de João Batista em um prato. Há praticamente um consenso entre os estudiosos quanto ao caráter sensual da dança (vide Comentário Bíblico NVI p.986, A Bíblia Vida Nova p. 52), causando grande satisfação ao rei e em seus convivas, bem como resultando em inconsequente promessa de gratidão.



Entretanto, chama a atenção uma dança pagã em especial, por ter sido realizada pelo próprio povo de Deus em festa a um ídolo. Descendo Moisés do monte com as tábuas da lei, ouviu aquilo que não era alarido dos vencedores e nem dos vencidos, mas alarido dos que cantam e dançam em homenagem a um bezerro de ouro esculpido por Arão. A festa envolveu holocaustos, ofertas pacíficas, comida e bebida, além de divertimentos que, em I Coríntios 10:6-8, são descritos como práticas de imoralidades. Chama a atenção, ainda, o sincretismo proposto por Arão: *“E ele [Arão] os tomou das suas mãos, e trabalhou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. Então disseram: Este é teu deus, ó Israel, que te tirou da terra do Egito. E Arão, vendo isto, edificou um altar diante dele; e apregoou Arão, e disse: Amanhã será festa ao Senhor. (...) E aconteceu que, chegando Moisés ao arraial, e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se-lhe o furor, e arremessou as tábuas das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte;”* Êxodo 32:4-5, 19 (ACF)

Em hebraico, a palavra “Senhor” no trecho acima é o tetragrama YHWH⁵, que se refere ao nome de Deus (Jeová em português). Por tradição, para que o mesmo não seja tomado em vão, todas as vezes que o judeu se depara com este tetragrama o lê mentalmente ou o traduz por Adonai (Senhor). Portanto, a palavra em questão no original não deixa dúvidas de que Arão estava, ao mesmo tempo, edificando um altar a um ídolo e propondo uma festa ao Deus de Israel. No versículo 19, a palavra utilizada para dança tem sua origem em machol⁶, que significa literalmente “dança”, “dançar”. O mesmo termo pode ser encontrado em outras diversas ocorrências, inclusive em Êxodo 15:20, referindo-se à dança comemorativa de Miriã. Esta constatação nos alerta de que nem sempre as danças dos hebreus eram únicas e exclusivas, criadas para momentos de alegria e celebração do povo de Deus e que, portanto, não poderiam ser consideradas necessariamente “especiais”, “santas” e/ou “legítimas”.

A dança de Davi

“Davi, vestindo o colete sacerdotal de linho, foi dançando com todas as suas forças perante o Senhor, enquanto ele e todos os israelitas levavam a arca do Senhor ao som de gritos de alegria e de trombetas. Aconteceu que, entrando a arca do Senhor na cidade de Davi, Mical, filha de Saul, observava de uma janela. E, ao ver o rei Davi dançando e comemorando perante o Senhor, ela o desprezou em seu coração. Eles trouxeram a arca do Senhor e a colocaram na tenda que Davi lhe havia preparado; e Davi ofereceu holocaustos e sacrifícios de comunhão perante o Senhor. Após oferecer os holocaustos e os sacrifícios de comunhão, ele abençoou o povo em nome do Senhor dos Exércitos, e deu um pão, um bolo de tâmaras e um bolo de uvas passas a cada homem e a cada mulher israelita. Então todo o povo partiu, cada um para a sua casa. Voltando Davi para casa para abençoar sua família, Mical, filha de Saul, saiu ao seu encontro e lhe disse: ‘Como o rei de Israel se destacou hoje, tirando o manto na frente das escravas de seus servos, como um homem vulgar!’ Mas Davi disse a Mical: ‘Foi perante o Senhor que eu dancei, perante aquele que me escolheu em lugar de seu pai ou de qualquer outro da família dele, quando me designou soberano sobre o povo do Senhor, sobre Israel; perante o Senhor

⁵ <http://biblehub.com/hebrew/3068.htm>

⁶ <http://biblehub.com/hebrew/4246.htm>



celebrarei e me rebaixarei ainda mais, e me humilharei aos meus próprios olhos. Mas serei honrado por essas escravas que você mencionou'. E até o dia de sua morte, Mical, filha de Saul, jamais teve filhos.” 2 Samuel 6:14-23

Este texto, com certeza, é emblemático no que tange à questão da dança cristã, sendo basicamente a grande justificativa para a sua introdução nas liturgias contemporâneas. Por esta razão, desejamos analisá-lo sob vários aspectos, começando pela cerimônia como um todo. Davi foi a Baalim, em Judá, buscar a arca e trazê-la para Jerusalém. Puseram a arca sobre uma carroça de bois e foram adiante dela, Davi e todos os israelitas, dançando e cantando. A certa altura a carroça chacoalhou e Uzá morreu instantaneamente ao tocar a arca, num impulso tomado como irreverência pela ira divina, segundo o texto. Davi, contrariado, ficou com medo de prosseguir e deixou a arca na casa de um estrangeiro de Gate.⁷ Lá a arca ficou por três meses e, chegando aos ouvidos de Davi que o geteu tinha sido tremendamente abençoado com sua presença, organizou novamente uma grande festa para ir buscá-la. Desta vez, obedeceu-se o ritual de que somente os levitas carregassem a arca. Davi, que não era sacerdote, vestia uma estola sacerdotal, que consiste em uma veste curta e sem mangas. Em I Crônicas 15:27 há menção de que ele trajava também um manto de linho, mas ao que tudo indica o tirou para dançar, conforme deduzimos pelos comentários de sua esposa. Davi foi saltando (como algumas versões traduzem a palavra “dança”) até a chegada da arca na cidade. Havia gritos, música e grande alegria... era uma festa! Colocaram, então, a arca em uma tenda previamente preparada, quando o texto afirma que Davi ofereceu holocaustos e sacrifícios, para em seguida proferir uma bênção. Alguns estudiosos acreditam que atribuir a Davi a condução dos sacrifícios consistiu “força de linguagem”, uma vez que tais tarefas eram exclusivas dos sacerdotes e, ainda mais depois do acontecido com Uzá, dificilmente o rei usurpar-lhes-ia a função. (vide Bíblia de Estudos Vida, p.474) Mas trata-se de uma questão de interpretação. Após a bênção e a distribuição de víveres, o povo e o rei voltaram para suas casas. Foi quando Mical confrontou Davi.

O primeiro aspecto que nos chama a atenção neste relato é justamente o quão conturbado foi levar a arca de volta a Jerusalém. Quando as pessoas normalmente citam este texto para defender a dança, não mencionam que todo o processo envolveu vários acontecimentos estranhos e até mesmo um caso de morte! Comparemos esta cerimônia, a título de exemplo, com um evento que permite paralelo: quando Salomão conduziu a arca para o templo recém-construído. O acontecido é narrado em II Crônicas 5 a 7. Enquanto os levitas carregavam a arca e os demais utensílios, sacrifícios aconteciam incessantemente com a participação de todo o povo, até que esta foi colocada no Santo dos Santos. Os sacerdotes, não importando a sua função, haviam se consagrado de modo prévio. Ficou bem claro que se tratava de uma situação solene e especial. Os levitas músicos, trajando linhos finos, tocavam diversos instrumentos, cento e vinte trombetas, enquanto o coro, em uníssono, louvava e agradecia ao Senhor. E a nuvem da Sua presença encheu o templo. Salomão se ajoelhou diante do altar e da assembleia reunida e, com as mãos para o alto, orou algo que nos comove até os dias de hoje. O rei

⁷ Os comentaristas da Bíblia de Estudos Vida acreditam que fosse um dos geteus que imigraram para Israel para se tornar guarda-costas pessoal de Davi ou ainda que fosse levita, visto que os levitas podiam ser geteus se procedessem da cidade levítica de Gate-Rimom. (p.474)



constatou em sua prece que não há deus como o nosso Deus... nem os céus podem contê-Lo, muito menos um templo feito com mãos humanas. Prosseguiu pedindo, humildemente, que quando o povo orasse O Senhor ouvisse suas súplicas, que quando pecassem que O Pai misericordioso os perdoasse, que quando passassem por aflições que Ele contemplasse seus corações. Quando terminou de orar, desceu fogo do céu e consumiu as ofertas, e a glória do Senhor mais uma vez encheu o templo, de modo tal que os sacerdotes sequer podiam ali entrar. Tendo presenciado tudo isto, os israelitas se ajoelharam, levando o rosto ao chão, e deram graças dizendo: “Ele é bom, o Seu amor dura para sempre.” A todos estes acontecimentos se seguiram sete dias de festa, mas Salomão soube muito bem separar o momento de culto do momento de festejo. Primeiro, a adoração solene ao Pai, depois sete dias de alegria (e provavelmente música e dança, como de costume) para comemorar o regozijo advindo desta comunhão!

Quando lemos sobre a cerimônia conduzida por Salomão a impressão que nos passa é de reverência, humildade, ordem, solenidade, êxtase e muita, muita contrição de espírito, tanto da parte do rei, quanto da parte do povo. Não é o que observamos no evento liderado por Davi. Isto nos leva a refletir como o líder tem, tantas vezes, o poder de “dar o tom”. Claro, algumas pessoas poderiam argumentar que Davi estava conduzindo a arca somente para uma simples tenda provisória e que Salomão, finalmente, inaugurava o grande templo e, portanto, sua cerimônia teria estas características dadas à dimensão e importância do que tomava curso. O que esta linha de raciocínio não leva em consideração é que, mais importante do que a tenda, mais importante do que o templo, era a presença do Senhor. E esta, representada simbolicamente pela arca da aliança, sempre esteve ali, tanto numa quanto noutra ocasião. E o que faz a ocasião? O que era realmente digno de respeito e adoração: a arquitetura majestosa construída por mãos humanas ou o poder do Senhor? A arca da Aliança deveria ser o mais importante, não o seu invólucro. Isto significa que Mical tinha razão? Davi havia feito tudo de modo equivocado?

Para alguns críticos severos de Davi, a resposta seria sim. Não pareceria certo um rei vestir uma estola sacerdotal, muito menos retirar o manto e dançar de modo, como Mical dá a entender, que expusesse demais seu corpo, ato pouco condizente com sua posição e responsabilidade. Aliás, a crítica principal de Mical referia-se às vestimentas de Davi reveladas pela dança, não se concentrando na dança simplesmente. As servas, de longa data, andavam “por aí” cantando coros provocativos envolvendo Davi. Agora estas mesmas desfrutavam de ver o rei se expondo, física e emocionalmente, como um “homem vulgar”, ou como “qualquer dos vadios” (versão ACF), o que culminou no ciúme e no desprezo de Mical. Davi, então, teria jogado ainda mais “lenha na fogueira”, provocando a esposa com o fato de que estas mesmas servas, que tanto a irritavam, o honrariam (ainda que ela não o fizesse). Por fim, para alguns Mical não teria tido filhos ao ter sido preterida sexualmente por Davi, que optou por favorecer suas outras esposas e concubinas, e não por causa da “ira divina”. O texto, de fato, não explicita as razões para a ausência de filhos, nem estabelece juízo de valores sobre quem estava com a razão. Seria este, enfim, mais um caso de Davi agindo de modo impensado? Ele mentiu e enganou pessoas durante a sua fuga de Saul, colocou-se em perigo e acabou fingindo-se de doido para se salvar, adulterou com Bate-Seba, ordenou a morte do esposo traído Urias e, ainda por cima, não agia de acordo com seu papel e dançava “seminu” para “alegria” das mulheres. Bom, Davi não era



perfeito, ele cometeu inúmeros erros. O grande problema de reduzi-lo a seus desacertos de modo tão simplista é terminarmos por sermos injustos. No geral as pessoas costumam ter uma relação de “amor e ódio” com Davi, uma análise de extremos, ora somente lembrando seus defeitos, ora idolatrando-o exageradamente. Onde estará, dentro de uma visão totalmente negativa, o “homem segundo o coração de Deus”? Como alguém tão impulsivo, insensato e emocional poderia receber tal designação? No nosso entendimento, o que fazia de Davi um homem segundo o coração de Deus era a sua capacidade de quebrantar-se diante de suas próprias misérias, e não a ausência destas. Quando movido pelo desejo de vingança, ao ser interpelado por Abigail, Davi não considerou sua ira contra Nabal, nem a cultura machista de sua época, mas reconheceu imediatamente naquela mulher uma enviada de Deus para impedir que ele se vingasse. (1 Samuel 25) Quando Natã o expõe no caso do assassinato de Urias e do seu adultério, dizendo que ele era o homem pérfido da história, Davi imediatamente admite caindo em si: “Pequei contra O Senhor!”. Quando seu filho com Bate-Seba está à beira da morte, pranteia e ora sem cessar, mas quando este parte, lava o rosto e aceita com resignação os desígnios da vida. (2 Samuel 12) O que fazia de Davi um homem segundo o coração de Deus era a capacidade admirável de reconhecer os Seus caminhos, ainda que não tivesse tantas vezes andado por eles. Davi verdadeiramente amava o Senhor e, ao pecar, simplesmente arrependia-se e tentava remediar o prejuízo. Quem dera tivéssemos mais sabedoria que Davi! Mas também, quem dera tivéssemos sua disposição para perdoar os outros e a si mesmo, sua lucidez de reconhecer seus próprios pecados e tentar corrigi-los! Davi talvez tenha tomado várias decisões questionáveis na condução da arca à Jerusalém, mas talvez também devamos dar-lhe crédito quando ele diz que não dançou para homens (ou mulheres), e sim para Deus. Erros e acertos a parte, pessoalmente acreditamos em Davi quando ele diz que estava sendo sincero, que realmente se deixou invadir por imensa alegria. Parece-nos condizente com tudo mais que a Bíblia fala a respeito dele, tanto o extravasar sem analisar consequências, quanto o coração grato e alegre pela presença do Senhor. Por fim, ele tem algo mais a seu favor neste incidente todo: por que Mical estava observando os outros ao invés de estar louvando a Deus e comemorando como todo o restante do povo? Se Mical tivesse olhado menos para o lado e mais para o alto não teria tido tempo de notar a dança e a roupa (ou a ausência dela no caso) de seu esposo Davi que, este sim, ninguém pode negar, estava que não se cabia de tanto júbilo!

Podemos, então, concluir que Davi estava certo, Mical errada e, portanto, podemos dançar nos cultos e extravasar toda nossa alegria pela presença do Senhor através da dança? Bom, nós não conseguiríamos nos furtar de explorar neste estudo os argumentos pró-Davi e pró-Mical, mas a verdade é que, neste caso, não faz diferença alguma quem estava com a razão, pois o veredito é o mesmo e indiscutível: Davi nunca dançou na tenda, nem durante a cerimônia de culto. Davi dançou na procissão que levava a arca até Jerusalém! Dentro do contexto de comemoração e festejos, que era o caso, a dança de Davi não tem nada de inesperado, afora os trajes que escolheu para isto. Uma leitura integral e atenta dos capítulos referentes à dança de Davi não deixará dúvida de que ocorreram antes, na grande festa, não sendo mencionada nenhuma dança durante o culto conduzido após a chegada da arca ao seu destino final. Isto parece consenso, ponto pacífico. Mas e a dança referida nos salmos? Justifica a sua introdução nos períodos de louvor eclesial atuais?



Louvor

“Louvem o seu nome com danças; cantem-lhe o seu louvor com tamborim e harpa.” Salmo 149:3 (ACF)

“Louvai-o com o tamborim e a dança, louvai-o com instrumentos de cordas e com órgãos.” Salmo 150:4 (ACF)

Os versículos acima, juntamente com a dança de Davi, são alguns dos mais mencionados quando se trata da dança no contexto cristão. A palavra hebraica é a mesma em ambos os casos (*machol*). O primeiro aspecto a ser salientado consiste no fato de que a tradução desta palavra como “dança” não consiste em um consenso absoluto entre os linguistas e tradutores. No caso do Salmo 149, a VC apresenta a frase “*em coros louvem o Seu nome*”, mas no Salmo 159 a mesma versão traduz *machol* como dança. Já a Bíblia Hebraica Sêfer conduz de forma oposta à VC, traduzindo o 149:3 por “*Que saibam louvar Seu Nome com alegria e dança;*” e o 150:4 por “*Louvai-O com melodias e ritmo*”. Por fim, a Bíblia de Estudo Palavra-Chave Hebraico – Grego (CPAD, 2011), versão Almeida Revista e Corrigida, não apresenta a tradução “dança” em nenhum dos dois versículos, respectivamente: “*Louvem o seu nome com flauta (...)*” (149:3) e “*Louvai-o com o adufe e a flauta (...)*” (150:4) Como nestes dois Salmos há uma listagem de instrumentos musicais utilizados no louvor, alguns tradutores acham mais coerente traduzir *machol* por flauta, visto que, juntamente com “coro”, esta palavra também tem estes significados. Apesar destas divergências, uma vez que a dança indubitavelmente fazia parte dos momentos de alegria dos hebreus, não há, em nosso ver, nenhum impedimento de se optar pela tradução tanto por dança quanto por flauta em ambos os textos. Mas vale destacar, enfim, que a tradução por “dança” varia de tradutor para tradutor, não sendo de modo algum consenso.

O segundo aspecto a ser levantado sobre estes textos consiste no seu uso para justificar a dança na liturgia hodierna. No caso do Salmo 149, a justificativa se ampara no versículo primeiro: “*Louvai ao Senhor. Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor na congregação dos santos.*” A expressão que concorre para tal argumentação é “congregação dos santos”, compreendida anacronicamente como sendo a igreja. Contudo, esta palavra originalmente significa ajuntamento, agrupamento, multidão, companhia, tropel. Foi utilizada em outras ocasiões nas Escrituras para referir-se a ajuntamentos de guerra, prática do mal e da violência (Gênesis 49:6, Ezequiel 23:47, Salmo 26:5) e também para o exercício do bem, como é o caso, congregar-se para louvar ao Senhor. Ao longo do Salmo 149, o salmista nos convoca a cantar em nossas camas (leitos) e a guerrear contra os gentios. Portanto, não há qualquer alusão a um contexto litúrgico ou a práticas religiosas ao longo deste texto, ainda que possamos nos dias de hoje utilizar esta mesma expressão (congregação dos santos) referindo-se à igreja.

O mesmo se verifica no Salmo 150. No primeiro versículo lemos um chamado para louvarmos ao Senhor no Seu santuário e no firmamento do Seu poder. Para alguns estudiosos, a palavra *santuário* em questão refere-se ao próprio firmamento, o santuário de Deus nos céus, e não ao



templo de Jerusalém.⁸ Mesmo que não se adote tal paralelismo, vale considerar algumas observações quanto a este salmo. A palavra “firmamento” pode ser traduzida por “expansão” ou “céus”. Como lemos em Gênesis 1:8 – “*E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.*” Neste versículo, a palavra “expansão” é a mesma traduzida por “firmamento” no Salmo 150:1. Retomando, então, a análise contextualizada, o salmista nos conclama a louvamos a Deus no santuário e nos céus, por meio de diversos instrumentos e conclui que tal chamado ao louvor se aplica a todo ser que respira (ou tudo que tem vida, fôlego). Como podemos louvar a Deus no céu? Ou como animais e plantas louvam ao Senhor? Este capítulo, portanto, parece-nos uma ode à criação, uma constatação do quão louvável é Deus, e não uma instrução litúrgica de como devemos conduzir este louvor. O louvor a Deus, nestes Salmos, é o louvor contínuo que exercemos com a nossa própria vida. “*Martinho Lutero disse que um sapateiro louva a Deus quando confecciona honestamente um bom par de sapatos.*”⁹ Assim, parece-nos uma extrapolação forçada justificar a dança nos cultos pelos textos encontrados nestes Salmos.

Rapto das Filhas de Siló

“E olhai, e eis aí as filhas de Siló a dançar em rodas, saí vós das vinhas, e arrebatad cada um sua mulher das filhas de Siló, e ide-vos à terra de Benjamim. E será que, quando seus pais ou seus irmãos vierem a litigar conosco, nós lhes diremos: Por amor de nós, tende compaixão deles, pois nesta guerra não tomamos mulheres para cada um deles; porque não lhas destes vós, para que agora ficásseis culpados. E os filhos de Benjamim o fizeram assim, e levaram mulheres conforme ao número deles, das que arrebataram das rodas que dançavam; e foram-se, e voltaram à sua herança, e reedificaram as cidades, e habitaram nelas.” Juízes 21:21-23 (ACF)

Os homens de Israel juraram que não dariam suas filhas em casamento a um benjamita. Depois, arrependidos das consequências deste juramento tolo, propuseram um arremedo de solução que consistia em aproveitar a ida dos benjamitas a alguma solenidade religiosa em Siló para raptar mulheres. Esta solenidade provavelmente se refere à Páscoa ou a uma das três grandes festas dos judeus, mencionadas em Êxodo 23. Somente os homens compareciam a estas festas, portanto, as mulheres de Siló seriam as únicas presentes e sofreram a emboscada enquanto dançavam nas vinhas.¹⁰ Sobre este acontecimento bizarro e cruel, lemos os seguintes comentários: “*Deus nunca disse aos israelitas que aniquilassem a tribo de Benjamin. Nunca lhes mandou impedir que suas filhas se casassem com os sobreviventes, nem massacrar os homens de Jabes-Gileade. Todo esse relato, do começo ao fim, mostra inocentes sofrendo pelo fato de os israelitas terem posto seus interesses em primeiro lugar. (...) Por que o rapto para conseguir uma esposa? Esse costume talvez tenha sido tomado de empréstimo aos pagãos. Parecia a única maneira de driblar o voto impensado que haviam feito fora da orientação de Deus.*” (Bíblia de Estudo Vida, p.404-405)

⁸ Para esta interpretação, vide “Carta Pastoral e Teológica sobre Liturgia na IPB” (IPB, 2010, p.12-13).

⁹ SCHAEFFER, Frank. **Viciados em Mediocridade**: Cristianismo contemporâneo e as artes. p.63

¹⁰ Bíblia de Estudo Palavra-Chave CPAD, p.309



Dança de Maanaim

“Volte, volte, Sulamita; volte, volte, para que a contemplemos. Por que vocês querem contemplar a Sulamita, como na dança de Maanaim?” Cantares 6:13 (NVI)

Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, lemos: *“Volte, volte, sulamita. Volte, volte; nós queremos ver você dançar. Por que vocês querem me ver dançando a dança da noiva?”* Na Bíblia Hebraica Sêfer a última parte do versículo acima é traduzida por: *“Por que olhais para a Shulamit como para as fileiras de dois arraiais?”* A versão ACF vai dizer: *“Por que olhais para a Sulamita como para as fileiras de dois exércitos?”* A Bíblia do Peregrino entende como: *“O que olhais na Sulamita quando dança entre dois coros?”* Novamente, portanto, não observamos consenso em termos de tradução. Contudo, este não é o ponto que nos parece mais relevante...

Não há como negar que o aspecto mais marcante deste livro seja sua ode ao amor entre homem e mulher e as inúmeras referências à sexualidade, como lemos nos comentários da Bíblia de Estudos Vida: *“Muitas pessoas têm estranhado que um poema de amor e de intimidade sexual tenha sido incluído na Bíblia. Algumas delas propõem, portanto, que o leiamos apenas simbolicamente, como ilustração do amor incondicional de Deus. Outras o interpretam à letra, e acham aí um tesouro de deleites conjugais. Talvez haja valor nessas duas abordagens. De qualquer forma, Cântico dos Cânticos é um belo quadro do aspecto físico do amor, e suas palavras sensuais aplaudem a sexualidade como parte da maravilhosa criação de Deus.”* (p.1040)

Duas interpretações, portanto, prevalecem a respeito deste livro. Na primeira temos uma celebração da intimidade sexual conjugal como bênção de Deus. Na segunda encontramos uma alegoria sobre o amor do Senhor para com Sua igreja, a noiva. Não há nada de impossível em traçarmos este paralelo, o que não parece muito sábio seria considerar, ao pé da letra, isto como justificativa para que tenhamos danças na igreja. No livro de Cantares os noivos também comem e bebem, apascentam rebanhos, dormem. Será que devemos fazer tudo isto na igreja também? Parece-nos contraditório juntar as duas interpretações ao mesmo tempo, ou seja, entendendo que uma abstração (o esposo e a esposa como sendo Deus e a igreja) possa gerar interpretações bíblicas tão absurdamente literalistas (devemos dançar na igreja porque a noiva dançou em Cantares). *“Um dos poemas mais impressionantemente seculares na Bíblia é Cantares de Salomão. Antigamente, muitos cristãos achavam que este livro representava o amor de Cristo pela Igreja. De fato, o poema pode ser interpretado desta forma. Porém, jamais devemos limitá-lo apenas à representação deste relacionamento. Ele retrata o relacionamento entre Cristo e a Igreja porque todo relacionamento adequado entre um homem e uma mulher é uma ilustração do relacionamento entre Cristo e a Igreja.”*¹¹

Contudo, o uso mais estranho deste texto encontramos na argumentação de que a dança da Sulamita estivesse correlacionada com a escada de anjos vista por Jacó em Gênesis 28:11-19, e também com o encontro com anjos de Gênesis 32:1-2, onde lemos: *“Jacó também seguiu o seu*

¹¹ SCHAEFFER, Francis. A. **A Arte e a Bíblia**. p.33



caminho, e anjos de Deus vieram ao encontro dele. Quando Jacó os avistou, disse: ‘Este é o exército de Deus!’ Por isso deu àquele lugar o nome de Maanaim.” (NVI) O texto de Gênesis pode remeter, ainda, às palavras de Jesus: *“E então acrescentou: ‘Digo-lhes a verdade: Vocês verão o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem’.”* João 1:51 (NVI) Nesta teoria, os anjos de Deus estariam dançando enquanto subiam e desciam a escada que liga aos céus, por isto, a dança nos uniria à Deus. Não há qualquer menção sobre dança nestes textos de Gênesis e de João, portanto, ficamos sem compreender a origem desta correlação, a nosso ver, fantasiosa, cuja origem se dá única e exclusivamente pela existência da palavra “maanaim” em Cântares. Traduzida também por “dois exércitos”, “dois arraiais”, “dois coros”, etc., muitas versões sequer a consideram, neste caso, um nome próprio. Como no hebraico não existe letra maiúscula, determinar se consiste em um nome próprio ou uma palavra a ser traduzida por seu significado é opção do tradutor, a partir de sua interpretação do contexto. Com esta constatação, gostaríamos de passar a uma reflexão sobre o uso da Bíblia no processo de justificativa da dança na liturgia do culto cristão.

A Bíblia na argumentação dos ministros de dança cristã

Em nossa pesquisa, conforme apontado na introdução, tivemos acesso a bibliografias, vídeos e eventos presenciais correlacionados à dança cristã, onde observamos atentamente como a Bíblia tem sido utilizada na construção de uma argumentação para justificar a dança nos cultos contemporâneos. O primeiro aspecto que nos chamou a atenção é como os textos citados (em sua grande maioria referentes à dança de Miriã, Davi e os Salmos) não são profundamente analisados ou contextualizados, o que preferimos atribuir a uma investigação superficial, ou a um desconhecimento da conjuntura cultural bíblica do que, propriamente, a um ato de má fé. Neste sentido, acreditamos que esta pesquisa possa vir a colaborar com uma reflexão mais detalhada quanto ao papel da dança na Bíblia, talvez alterando este cenário para aqueles que concordarem com as conclusões de nossa investigação.

O segundo aspecto que nos deixou em alerta foi a impressão de que a Bíblia estava sendo constantemente “encaixada” em uma visão que se desejava validar, e não o contrário, ou seja, buscou-se construir uma visão a partir do que nos ensina as Escrituras. Isto se torna uma constatação quando lemos, por exemplo, certas afirmações encontradas em textos escritos por ministros de dança. Em um dos livros, cuja autoria é de uma pessoa de renome nacional na dança cristã, lemos como a busca de respaldo bíblico desencadeou estudos na área de teologia, filosofia e história, com a expectativa de se encontrar um arcabouço teórico que justificasse os trabalhos que já vinham desenvolvendo com a dança dentro da igreja. Parece-nos esta uma abordagem extremamente perigosa, visto que devemos primeiro estruturar teoricamente as bases bíblicas, espirituais e os valores de nossas ações para, depois, concretizá-las em algo tão sério e impactante para a vida da igreja, como um ministério. Assim, choca-nos a percepção de que a sustentação bíblica pareça vir sempre “correndo atrás” de uma legitimação tardia para fatos consumados. Alguém disse que a dança profética muitas vezes não agrada por não ter um livro de regras, obedecendo somente ao Altíssimo. Qual o papel da Bíblia, quando se afirma isto?



O terceiro aspecto digno de nota se refere à verificação de que a maioria das citações bíblicas não aborda os textos e versículos diretamente relacionados à dança, mas sim a uma infinidade de ocorrências onde o povo de Deus sofreu perseguição e saiu vitorioso. Aliás, o discurso defensivo parece ser a grande tônica, chegando a se tornar até mesmo agressivo, com vários alertas para que os leitores não se deixem levar pela resistência de pessoas invejosas, críticas e contrárias, não raro apelidadas de “micais” em diversas fontes pesquisadas. De fato, a inveja e o julgar alheio são razões para muitos problemas que temos no meio evangélico e no mundo. Contudo, limitar uma argumentação teológica a estes sentimentos empobrece o debate, numa aparente tentativa de silenciar os opositores pela coação, simplesmente acusando-os, dentro do espírito de que “a melhor defesa seja o ataque”. Por fim, se formos sempre adotar esta postura poderemos lançar mão dos textos bíblicos sobre provações para justificar praticamente tudo, inclusive as consequências que sofremos na vida por decisões equivocadas ou por nossos próprios pecados. Ou seja, se toda dificuldade ou exame externo que sofrermos forem tomados por perseguição e inveja, logo não pareceríamos aos nossos próprios olhos infalíveis e sem pecado?

Dentro deste contexto, outra citação que nos chama a atenção é a de I Coríntios 1, onde Paulo diz que Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para envergonhar aqueles que se julgam sábios. Ora, o texto em questão se refere à mensagem da cruz! Esta sim, de fato, é loucura para o mundo, pois viver a vida como Cristo nos propõe significa abrir mão de si mesmo e gloriar-se somente nEle. O que isto tem a ver com dança? Indo além... em que ocasião a dança pode ser considerada “loucura para o mundo”? Ao contrário, a dança é valorizada e tem papel de destaque na sociedade secular, que vê com boníssimos olhos, com raras exceções, a entrada da dança nas igrejas e a consequente ampliação do mercado gerado pela incorporação cristã desta arte. São ainda proporcionalmente poucas, dentro e fora da igreja, as pessoas que têm questionado a dança cristã e o mote deste questionamento não passa por considerá-la “loucura”, mas simplesmente descontextualizada e inapropriada para os momentos de culto. O “estranhamento” provocado por Cristo e pelos dons espirituais em nada tem a ver com a dança.

Há uma constante interpretação de que a dança teria caráter profético. Os salmos 149 e 150 estariam antecipando o momento em que vivemos. Alguns líderes chegam a generalizar, afirmando que sempre que a Bíblia menciona a dança haveria um sentido profético, o que faria dos dançarinos os cumpridores desta profecia. A palavra “profecia” tem inúmeros significados no contexto bíblico, bem como o termo “profeta”. Na Bíblia profetizar tem o caráter de expressar uma verdade ou uma doutrina, e não somente prever o futuro. Em ambos os casos, parece-nos nebuloso como o ministro de dança se encaixaria na categoria de profeta. Jeremias profetizou que as pessoas dançariam de alegria com as bênçãos vindouras de Deus, mas não que profetizariam *através* da dança. São situações bem distintas que merecem ponderação.

Por fim, queremos destacar o papel que o Velho Testamento exerce na argumentação bíblica para a inserção da dança nos cultos. Fala-se em restaurar o tabernáculo de Davi, em buscar orientação divina para a confecção das roupas de dança (a exemplo das informações detalhadas sobre as vestes citadas no Pentateuco), no uso de objetos decorativos que remetem ao templo antigo, em viagens de peregrinação à Jerusalém com a coleta de óleos da unção e



outras relíquias da terra santa, em danças “de guerra” ao Senhor dos Exércitos: linguagens e contextos comuns ao Antigo Testamento. Não parece haver uma releitura do Velho Testamento à luz do Novo Testamento, leitura esta que nos parece imprescindível uma vez que não somos seguidores do judaísmo, ainda que possamos ter um amor muito grande às nossas origens. Somos, antes de tudo, cristãos. Precisamos considerar que um dos grandes impactos que a vinda de Cristo causou foi a espiritualização da fé e a substituição de rituais por uma comunhão pessoal e direta com Deus. O véu foi rasgado e o templo do Espírito Santo somos nós. Os sacrifícios, a circuncisão e os ritos sofreram ampla revisão, muito nos espantando, portanto, as inúmeras tentativas de resgate e reinterpretções das tradições judaicas, quase que ignorando a visão neotestamentária da fé, uma visão que a Reforma Protestante tanto lutou para restaurar. Contudo, os ventos doutrinários atuais parecem querer retroceder a um passado totalmente superado. *“As Escrituras hebraicas são lidas e interpretadas através de um filtro ou prisma cristológico. É por isso que os cristãos não implementaram – e nunca o farão – uma lei religiosa encontrada nas páginas do Antigo Testamento.”*¹²

Este fenômeno, contudo, não se restringe à dança, mas envolve o cenário mais amplo das igrejas evangélicas, como apontam inúmeros pesquisadores, cristãos e seculares. Magali Cunha, no livro intitulado *“A Explosão Gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil”*, dedicou um subcapítulo ao assunto, que chamou de *“Reprocessamento da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém”*. Nele a autora afirma que uma das elucidções alcançadas com seu trabalho de pesquisa foi justamente a de que a cultura *gospel* procura retomar elementos presentes no Antigo Testamento. Em seguida, Cunha se questiona acerca do por que desta retomada: *“A resposta não está na história do protestantismo brasileiro, que construiu uma teologia muito pouco baseada no Antigo Testamento. Para Antônio Gouvêa de Mendonça, o protestantismo no Brasil baseou-se numa religião de Jesus, cristológica. (...) A ênfase no Cristo salvador prevaleceu no protestantismo brasileiro e só foi alterada nas décadas de 1980 e 1990. Nesse período a teofania das tradições monárquicas de Jerusalém foi retomada com vigor e inserida na cultura gospel. Como já mencionado, essa fase significou reajuste político-econômico para inserção do Brasil na lógica do capitalismo globalizado e o surgimento das teologias da Prosperidade e da Guerra Espiritual, que encontraram guarida nos círculos evangélicos. Uma atenção à letra das canções e às posturas assumidas em relação ao culto leva à percepção de que há uma utilização ideológica da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém, com a reconfiguração de elementos e imagens retirados dos relatos do Antigo Testamento. A tradição é utilizada para se reconstruir, no século XXI, uma noção de religião templária, intimista, centrada no louvor e na adoração, que se contrapõe à teologia mosaica, e cristológica, do pastoreio e do serviço à comunidade. É elaborada uma teologia da realeza, do poder, do domínio, da guerra, da seleção, da hierarquia, que pode ser partilhada na terra. Essa teofania contém uma linguagem bíblica que facilita a justificação ideológica e dá forma à cultura gospel.”* (p.186-187)

A despeito da importância que o Velho Testamento exerça na dança contemporânea, não há, em toda a Bíblia, nenhum relato de que as danças faziam parte da liturgia, nenhuma instrução a este respeito nas milhares de recomendações detalhadas do Pentateuco, descrições estas que

¹² McGRATH, 2007, p.128



englobam desde os bordados e cores das cortinas, a forma e material dos utensílios, os detalhes do tabernáculo e do templo, as inúmeras obrigações litúrgicas dos levitas. Se houvesse dança como parte do culto, por que justamente este rito passaria despercebido, sem nenhuma menção em toda a lei minuciosamente copiada? Alguns ministros atribuem isto à perda de registros, mas não parece estranho que todo o resto tenha sobrevivido nos manuscritos, menos a dança, ausente de todos eles por “perda de registro”?

No que tange à dança, mais até do que nos outros aspectos litúrgicos, tal constatação acima descrita ganha proporções ainda maiores, visto que toda a argumentação bíblica gira praticamente em torno de expoentes do Velho Testamento, a saber, Miriã e Davi. Alguns ministros de dança chegam a afirmar que a dança de Israel foi a única exclusivamente criada para a adoração ao nosso Deus sendo, deste modo, “legítima” e/ou “pura” para o perfeito louvor, ainda que os demais ritmos e estilos de dança devam ser resgatados “das mãos do Diabo”, que os usurpou para sua honra e glória após a queda. Mas, como lemos em Êxodo 32, o próprio povo de Deus usou esta mesma dança em adoração ao bezerro de ouro. Além disto, a influência cultural e artística que outros povos exerceram sobre os hebreus está amplamente registrada, tanto na Bíblia quanto nas pesquisas arqueológicas e históricas. Por todos estes motivos, consideramos que a argumentação bíblica dos ministros de dança tem pouca sustentação.

Para muitos cristãos esta análise texto a texto que acabamos de conduzir pode parecer totalmente dispensável, dentro do espírito de certas abordagens teológicas onde a Bíblia deva ser interpretada como um todo, levando-se em consideração o seu contexto cultural e temporal, evitando-se leituras literalistas da Palavra e transposições diretas de seus comportamentos e recomendações para os dias atuais. Acreditamos ser, entretanto, indispensável conduzir tais reflexões, especialmente porque ficou claro para nós que nenhuma abordagem bíblica – contextualizada ou literalista – daria suporte à inclusão das danças nas liturgias cristãs. A dança nunca foi utilizada como um transmissor de mensagens no contexto bíblico litúrgico, mas parece que alguns líderes acreditam que repetir insistentemente o contrário mudará um dia os fatos. Tanto no VT, quanto no NT, diversas outras manifestações artísticas e formas de comunicação contribuíram para a propagação da Palavra, tais como: obras de arte, arquitetura, escrita, oratória e música. Outro ponto reside no estilo de dança. Não sabemos exatamente como eram as danças no período, mas tomando as descrições bíblicas e tradições judaicas remanescentes, constatamos que o dançar ali é totalmente diferente do que observamos na igreja evangélica, assemelhando-se muito mais a cantigas de roda, saltos e malabarismos do que aos sensuais meneios atualmente predominantes. Em geral, homens dançam com homens, mulheres dançam com mulheres. Por fim, prevalece o caráter tradicional da dança (inserida nos eventos festivos, comemorações, manifestações de alegria, procissões religiosas, etc.), como veremos no próximo item.



Judeus dançando em roda e cantando na Ponte do Rialto – Veneza.

Somado a isto, o grande papel da dança no contexto bíblico, como já constatamos, referia-se à manifestação de alegria e comemorações. Deste fato inferimos dois aspectos cruciais: tratava-se de uma dança espontânea e de um ato pessoal. Não há relatos de coreografias nas danças bíblicas, bem como não se menciona qualquer intenção de que o dançarino estivesse a exercer tal atividade para ser visto pelos demais (com exceção da dança, provavelmente sensual, da filha de Herodias). Ao contrário, o observar a dança alheia foi a causa de inúmeros problemas, como o já supracitado caso de Davi. A dança consistia em uma expressão cujo beneficiado era a própria pessoa, não o próximo. Assim, se a dança fosse ser inserida nos cultos contemporâneos, não parece fazer muito sentido que se restrinja a um ministério de púlpito para ser assistido. Entretanto, ainda que envolvesse toda a congregação, esta inclusão programada da dança jamais garantiria a autenticidade observada na Bíblia, uma vez que a espontaneidade adquire um caráter fundamental. Incluir a dança nos cultos durante o louvor (dentro do espírito bíblico de dança do VT) equivaleria a inserir na liturgia um momento para o grito, para o pulo ou para qualquer outra forma de se extravasar e manifestar felicidade, o que não nos parece recomendável. Além da ausência de legitimidade do sentimento – induzido ao invés de natural e espontâneo – tal inserção abriria porta para manipulações e voltaria nossas atenções para a corporalidade, não para a espiritualidade.

Desde os tempos bíblicos o culto voltou-se, paulatinamente cada vez mais, para a Palavra como centro: *“Nos cinco séculos e meio que se seguiram (587-4 a.C.), a adoração sofreu uma mudança radical. O sacrifício e a música desapareceram. Em seu lugar, surgiram três práticas: a leitura da Torá, as orações declamadas e os salmos recitados. A observância dos ensinamentos da Torá em todos os seus pormenores tornou-se o objetivo da adoração. Ao retornar à terra prometida, os israelitas criaram casas de instrução e adoração, denominadas sinagogas. O culto nas sinagogas abrangia um chamado à adoração, orações prolongadas, recitação da shemá (Dt 6.4), leituras das Escrituras e um sermão. Essa prática também representou a transição da adoração do Antigo Testamento para a do Novo Testamento. Para o pesar de muitos cristãos,*



não é possível encontrar em todo o NT, uma única descrição completa, tampouco uma ordem detalhada ou estilo divinamente determinado no que se refere ao ato de adorar. Em vez disso, o que encontramos são mensagens visando à união dos crentes, a fim de que se dediquem a várias práticas que abrangem a adoração: oração, canto, leitura, pregação e ensinamento da Escritura.”¹³ A dança, vale ressaltar, praticamente não é mencionada no Novo Testamento, nunca em contexto litúrgico ou religioso. Também não se encontra listada nas inúmeras cartas de Paulo, onde os ministérios diversos da igreja primitiva estão fartamente documentados. Ao longo dos últimos dois milênios, o culto cristão modificou-se drasticamente, bem como incorporou inúmeros aspectos culturais locais. Contudo, permaneceu global a centralidade na pregação, adoração e edificação através da Palavra. Mas no último século esta prioridade parece ter sido rapidamente modificada.

O que nós precisamos verificar, visto que não há um formato bíblico específico no NT a respeito do culto, é se, a despeito destas alterações culturais e temporais, as diretrizes nele descritas foram contempladas. Em Romanos 12, Paulo fala como o nosso corpo faz parte do culto racional que prestamos a Deus: *“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.”¹⁴ Em 1 Coríntios 14, Paulo chama a atenção para a necessidade da ordem no culto, bem como manifesta claramente a importância de nos preocuparmos com o nosso testemunho e com que os não-crentes irão pensar a nosso respeito, ao assistirem nossas reuniões. Isto contradiz a afirmação, constante em bibliografias sobre dança, de que devemos ignorar as críticas e o que os demais dizem a respeito do assunto. Quanto mais em evidência for o nosso ministério, mais devemos considerar os que não conhecem a Cristo e que associam, não sem razão, a dança a uma série de outros aspectos deslocados do objetivo do culto, como a sensualidade e a secularidade dos ritmos e das coreografias. Vamos compreender melhor sobre este assunto no próximo tópico.*

¹³ BASDEN, Paul (org). **Adoração ou show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. p.14,15.

¹⁴ Romanos 12:1-2



4 – APORTE HISTÓRICO-CULTURAL DA DANÇA CRISTÃ

“Os cristãos, efetivamente, não se distinguem dos demais homens nem por sua terra, nem por sua fala, nem por seus costumes. Porque não habitam cidades exclusivamente suas, nem falam uma língua estranha, nem levam um estilo de vida à parte dos demais (...). Mas, habitando cidades gregas ou bárbaras, segundo a sorte que coube a cada um, e adaptando-se na vestimenta, alimentação e demais aspectos da vida aos usos e costumes de cada país, dão mostras de um teor particular de conduta, admirável e, por confissão de todos, surpreendente. Habitam suas próprias pátrias, mas como forasteiros; participam de tudo como cidadãos e suportam tudo como estrangeiros; toda terra estranha é para eles pátria, e toda pátria, terra estranha.” (Discurso a Diogneto, século II d.C.)¹⁵

Como sabiamente alertava Paulo, nós cristãos somos peregrinos neste mundo, mas também nos adaptamos ao nosso contexto, tanto para ganharmos almas para Cristo, como para extrairmos o melhor que este possa nos oferecer. Contudo, a dança nos cultos não parece ter sido uma constante neste processo de aculturação cristã nos diversos lugares e tempos. Tanto na igreja católica, quanto protestante, a dança na liturgia, ao longo destes milênios de cristianismo, consistiu numa exceção com poucos precedentes até a contemporaneidade. No catolicismo, historiadores apontam para uma presença breve da dança que, sob influência dos ritos pagãos, logo foi banida das liturgias. No Brasil, observamos situação semelhante com o sincretismo religioso entre o catolicismo e cultos afrodescendentes (umbanda, candomblé, etc.), que teve sua origem no período colonial. Este sincretismo, atualmente, tem sido questionado tanto pelos católicos, quanto pelos seguidores das supracitadas religiões, uma vez que o comportamento sincrético teve sua origem na imposição da sociedade escravocrata, que reprimia a liberdade de culto dos seus escravos.

No protestantismo, eventos isolados de dança também pontuam a história, a exemplo dos Shakers. *“O grupo religioso que hoje nós conhecemos como Shakers foi formado na Inglaterra do século XVIII quando dissidentes de várias religiões, incluindo os Quakers ingleses e Metodistas, formaram uma sociedade religiosa baseada na doutrina profética. O grupo, formalmente denominado Sociedade Unida dos Crentes, era conhecido como Shaking Quakers, ou Shakers, por causa do uso que faziam da dança extática em seus cultos. O cristianismo revolucionário dos Shakers chocou seus contemporâneos. Eles desafiaram quase todos os ideais predominantes da sociedade Americana durante o seu tempo. Shakers acreditavam em propriedade comunitária, pacifismo, dança na adoração, igualdade dos sexos, celibato e vida simples. Muitos protestantes do período entendiam que trazer a dança, giros e palmas a um espaço sagrado e elevando isto acima da palavra de Deus, falada por um ministro ordenado, era sacrilégio. Mas para os Shakers, a dança significava um relacionamento comunitário com*

¹⁵ Citado por (apud) GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho**. p.146,147



Deus, não individual, e era um poderoso símbolo do sistema cultural dos Shakers.”¹⁶ Um dos expoentes desta sociedade, Mãe Ann, ao final de sua vida, convenceu os seus seguidores de que era Jesus Cristo em sua segunda vinda ao mundo. O movimento teve seu ápice no século XIX, para entrar em declínio e quase não possuir representantes nos dias de hoje. “Nestes tempos pós-modernos, com sua visão fragmentada e relativista da realidade, tem se tornado usual a apreciação pelo que é exótico, periférico, não convencional. No caso da história da igreja, há uma tendência em exaltar as expressões heterodoxas da fé cristã, considerando-as tão ou mais legítimas que o cristianismo majoritário, ‘oficial’. Porém, o fato é que, se tais manifestações tivessem se tornado dominantes, o evangelho conforme exposto no Novo Testamento teria sofrido distorções incontornáveis.”¹⁷

Em nossa cultura contemporânea, o que parecia um escândalo no século XVIII como os *shakers*, torna-se prática mais frequentemente observada. Vejamos, portanto, como isto se encaixa no nosso contexto, começando pelas palavras, pelo conceito de *cultura*. *Cultura* poderia, numa definição contemporânea, ser entendida como um sistema de símbolos que articulam significados no seu contexto original. Assim, “os eventos culturais não são ‘coisas’ (objetos materiais ou não materiais), mas produtos significantes da atividade social de homens determinados, cujas condições históricas de produção, reprodução e transformação devem ser desvendadas.”¹⁸ Entretanto, existem aspectos práticos que extrapolam o conceito de cultura, explicitados pela discrepância de significações do termo aplicado. Se o seu uso “antropológico nomeia o conjunto de hábitos, crenças e costumes de um grupo social identificável, o uso crítico implica um emprego mais restrito da palavra, destinado a designar coletivamente as atividades, tradições e monumentos desse grupo.”¹⁹ Na primeira análise, não se faz distinção entre os diversos atores que compõem o espetáculo, visto que tudo integra um emaranhado interligado de significâncias – as artes, o trabalho, a religião, os hábitos, a dança... – aspectos diversos que, neste caso, precisam ser considerados todos *culturais*. Podemos assinalar a dança de Davi e das mulheres como um exemplo típico, onde os atores envolviam-se na prática da ação (dança) e esta tinha um significado simbólico e cultural no contexto (manifestação de alegria, procissão, festa de comemoração, etc.). Há um aspecto religioso na dança de Davi? Ele, com isto, louvava ao Senhor? Sim, se considerarmos que a fé envolvia 100% da vida do povo de Deus, tanto que o salmista nos conclama a louvarmos no leito ou no firmamento, por exemplo, afirmando ainda que todo ser que respira, ao fazê-lo, louva ao Senhor.

¹⁶ Fonte: www.shakers.org Livre tradução da autora do seguinte texto: *The religious group that we know today as the Shakers was formed in 18th-century England when dissidents from various religions, including English Quakers and Methodists, formed a religious society based on prophetic doctrine. The group, formally called the United Society of Believers, were known as Shaking Quakers, or Shakers, because of their use of ecstatic dance in worship. The Shakers’ revolutionary Christianity shocked their contemporaries. They challenged almost every mainstream ideal of American society during their time. Shakers believed in community ownership, pacifism, dancing in worship, equality of the sexes, celibacy, and living simply. Most Protestants of the day found that bringing dancing, whirling, and clapping into a sacred space and elevating it above the word of God, spoken by an ordained minister, was sacrilegious. But to the Shakers, the dancing signified a communal, not individual, relationship with God, which was a powerful symbol of the Shaker cultural system.*

¹⁷ MATOS, Alderi Souza de. **O fascínio da heresia: dissidência doutrinária na história cristã.**

¹⁸ ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular?** p. 50-51

¹⁹ CONNOR, Steven. **Teoria e valor cultural.** p. 234



Assim, as crenças religiosas permeavam todos os aspectos culturais, sem exceção. Esta separação entre sagrado e profano, vida secular e vida religiosa que observamos na contemporaneidade é um reflexo do descolamento da fé dos demais aspectos de nossa existência. Como se compartimentássemos nossa vivência em dois mundos paralelos e contraditórios, a exemplo do que acontece no costume pagão de se “aproveitar” o Carnaval e se “purgar” os pecados cometidos, logo em seguida, na Quaresma. O que precisamos é manter o mesmo padrão de santidade e excelência em tudo que fazemos, seja dentro da igreja, seja fora dela... *“Sem a culpa da divisão entre a música sagrada e a secular, Bach e Handel escreveram ambas. Handel escreveu O Messias e música para balé. Bach escreveu cantatas, fugas, hinos, música para coro e até mesmo canções humorísticas como a Cantata Café. Tudo era visto como parte do mundo de Deus e tudo podia ser feito para a sua glória. Uma não era sagrada e, portanto, mais elevada, e a outra secular, inferior.”*²⁰ O que não significa que Handel comporia músicas para balé cristão, como de fato não compôs. Os valores poderiam ser os mesmos, mas a cada obra o lugar de sua adequação.

Na contramão deste pensamento de coligar uma vida dupla de dicotomias encontra-se outro indesejado extremo: a pregação de que devemos nos distanciar do mundo, que jaz no maligno, e centrar todas as nossas atividades na igreja. Dentro desta lógica, muitos só ouvem música evangélica, só utilizam seus instrumentos musicais para tocar músicas sacras, só dançam e frequentam eventos sociais da igreja, e daí por diante. *“Com frequência as pessoas dizem aos artistas: ‘Não há problema em ser artista, desde que sua arte possa ser usada para evangelizar.’ E assim a arte tem se tornado uma ferramenta para o evangelismo. Mas sejamos precisos: não há nada de errado nisso. Precisamos é nos atentar para o fato de que a arte não pode ser usada para mostrar a validade do cristianismo – deve ser o contrário. O cristianismo é verdadeiro; as coisas, ações e esforços humanos só alcançam seu significado a partir de seu relacionamento com Deus. Se Cristo veio para nos tornar humanos, a humanidade e a realidade da arte encontram seu fundamento nele. (...) Com o intuito de se encaixar aos padrões do evangelismo, os artistas frequentemente têm comprometido e, como consequência, prostituído sua arte. (...) os arquitetos das igrejas cistercienses não estavam evangelizando ou produzindo ferramentas de evangelismo; eles trabalhavam para a glória de Deus. Eles não comprometeram a sua arte. Não estavam produzindo ferramentas de propaganda religiosa ou publicidade santa. E precisamente por isso suas obras foram tão profundas e importantes.”*²¹

Ricardo Mariano é autor de ampla pesquisa sociológica a respeito dos evangélicos, leitura obrigatória para todos que desejam compreender *“a ruptura com o ascetismo contracultural e a progressiva acomodação desses religiosos e suas denominações à sociedade e à cultura de consumo.”*²² Em seu livro, Mariano vai ressaltar as *“constantes advertências dos pastores aos fiéis (...) sobre a importância de se dedicar mais tempo às coisas de Deus do que às do mundo. Por isso e em consonância com o paternalismo das lideranças, é preciso afastar os crentes desses perigos, ocupando seu tempo livre com as atividades da igreja e restringindo sua vida associativa aos irmãos de fé. Nesse sentido, a vida comunitária constitui peça fundamental para*

²⁰ SCHAEFFER, Frank. **Viciados em Mediocridade:** Cristianismo contemporâneo e as artes. p.115

²¹ ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa.** p.36,37

²² MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Contracapa.



a manutenção da plausibilidade de crenças e hábitos sectários diante do pluralismo religioso e, como dizia Weber, ao 'politeísmo de valores', ou à coexistência de inúmeras e conflitantes fontes de ética para a regulação da vida. Pois, no mundo moderno, como afirma Berger (1983:209), 'somente dentro da comunidade religiosa, a igreja, a conversão pode ser efetivamente mantida como plausível'. Para tanto, as igrejas substituem o lazer mundano por uma gama de atividades intramuros (muitas com fins proselitistas) que envolvem direta ou indiretamente o lazer. A área musical é a mais conhecida e visível. Possibilita aos fiéis, especialmente aos jovens, tocar instrumentos, cantar e dançar nas igrejas e concentrações em praça pública, ginásios de esportes, estádios e até mesmo em bares e casas noturnas.”²³ Um julgamento apressado poderia atribuir esta análise ao ateísmo confesso de seu autor. Entretanto, há um inegável pano de verdade na constatação de que o sectarismo cristão tantas vezes é consequência de uma fé facilmente abalável pelas “influências do mundo”. Assim, fechar-se no universo da igreja é uma maneira de fugir ao debate. Se, por um lado, este fechamento promove a manutenção temporária da fé, por outro, impede o seu fortalecimento, a expansão de raízes cristãs que só podem aprofundar-se quando, confrontadas por outras filosofias e religiões, a este embate sobrevive, alimentando-se tanto da experiência com Deus, quanto da escolha racional pela cosmovisão do cristianismo.

Esta “separação de mundos” tão incentivada estaria ainda, de modo contraditório, gradativamente se diluindo, não com a retomada dos valores cristãos na vida secular, mas com a invasão dos valores “mundanos” na vida da igreja. Cunha concordaria: “(...) tudo é possível desde que em nome de Deus, os tipos de lazer que um ‘incrédulo’ desfruta, num espaço em que se pode cultivar a pureza do corpo, templo do Espírito de Deus, por estar ele sendo realizado em nome de Deus. Por isso, o comportamento do público evangélico em um espetáculo religioso pouco difere daquele do público em um espetáculo secular. Na plateia, os evangélicos gritam efusivamente ao deparar-se com os cantores – muitas pessoas vestem camisetas com suas fotos ou logotipos ou faixas ao redor da cabeça com seus nomes –, lançam ao palco CDs e camisetas para serem autografados por eles e dança como o público ‘incrédulo’. No palco os cantores gospel também se comportam como os seculares: interagem com o público, jogam beijos e acenam aos fãs, e em alguns momentos, buscando ser ‘politicamente corretos’, ao receberem aplausos e vivas, dizem que essas manifestações devem ser dirigidas a Jesus Cristo.”²⁴

Estes espetáculos se encaixam numa segunda aproximação do conceito de cultura, onde a dança não incorpora os aspectos tradicionais do cotidiano. Percebemos outro viés, recorrente nas sociedades ocidentais, onde a palavra ganha um adjetivo e um novo contexto, descolando-se “da religião ou da representação, que representam o ‘melhor eu’ dessa cultura ou o sentido do seu melhor eu”²⁵: a chamada alta cultura. Especialmente no campo das artes, produz-se uma divisão entre atividade artística e as demais áreas da vida sociossimbólica. Divisão esta que se esvazia de sentido nas sociedades tradicionais. A referida separação corrobora para a consolidação da cultura como um produto. Cultura como “alguma coisa que a gente tem, como se possui uma casa, um automóvel, enfim, um bem, um bem de consumo, um bem de

²³ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. p.194

²⁴ CUNHA, Magali. **A Explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. P. 158

²⁵ Idem



*circulação, alguma coisa que se pode obter, que se pode comprar e, finalmente, ser proprietário dela*²⁶. Seria como se as mulheres comprassem um ingresso para assistir Davi dançar, o que pareceria completamente absurdo naquele contexto em que a dança encontrava-se incorporada no sentido do evento, na tradição, não configurando um fim em si mesmo, uma arte simplesmente. Entretanto, é exatamente isto que acontece com a dança cristã na contemporaneidade: transformou-se em um produto a ser consumido, assistido nos cultos pela plateia ou em DVDs, adquirido com aulas de dança e seus aparatos. O que nos leva ao próximo tópico de reflexão: a cultura da dança *gospel* e a formação do seu mercado específico.

A dança, assim como demais aspectos da vida cristã, transformou-se em um grande negócio, envolvendo: aulas, cursos, congressos, roupas, maquiagem, cabelo, coreografias, DVDs, apresentações, livros, academias, viagens, concursos, premiações, etc. Neste negócio, uma pequena parcela de líderes (celebridades da dança *gospel*) lucra com ele, enquanto que o mercado é sustentado por uma grande quantidade de ministros de dança que, no caminho para se tornar um possível líder remunerado (como demonstra ser o desejo de muitos), despendem grandes quantias. Entretanto, alcançar o sustento com a dança na igreja é “privilégio” para poucos, em um mercado formado por “panelas” quase impenetráveis e “clãs familiares”. Com o passar do tempo, a despeito de suas boas intenções, muitos abandonam o ministério desiludidos, ou se desculpam dizendo que o “tempo de Deus” para a dança em sua vida passou, ou ainda que estão “velhos demais” para dançar. Impressionou-nos, na página do Facebook de nossa pesquisa, o fato da esmagadora maioria das mensagens deixadas em nosso mural referirem-se à aquisição de produtos e participação em cursos e eventos pagos. Muitos nos “marcaram” nas fotos de seus Facebooks, imagens estas que nada mais eram do que cartazes de congressos de dança e outras propagandas que promoviam produtos²⁷. Um aspecto preocupante com relação a este mercado pode ser constatado a partir do testemunho de uma jovem vestibulanda, em um dos livros sobre dança. Não tendo passado no vestibular e, não possuindo os recursos para continuar o cursinho, pediu a Deus que lhe abrisse as portas profissionais. Nesse meio tempo, a jovem procurou um curso de balé e começou a investir na dança, um chamado que afirmava ter recebido do Senhor em um congresso. Depois de um tempo, somou todos os gastos com mensalidade e viagens, percebendo que daria, com esta mesma quantia investida na dança cristã, para ter custeado o cursinho. A jovem hoje trabalha profissionalmente no ministério, pelo que relatou. Não pretendo questionar as suas escolhas profissionais, mas me espanta que tenha lhe custado tão caro investir em um ministério eclesiástico, bem como não tenha a mesma notado que esta quantia equivaleria ao necessário para continuar os seus estudos. A jovem atribui esta falta de percepção a Deus, pois agora (com a dança) estaria seguindo verdadeiramente a Sua vontade.

A pergunta que precisamos nos fazer é: a quem este mercado serve... ao Reino ou aos que dele usufruem? Como Cristo, não deveríamos “derrubar as bancas” destes “mercadores do templo”? E como os não-cristãos veem a realidade atual das igrejas? Um dos maiores expoentes do ateísmo, o autor de *“Deus, um delírio”*, Richard Dawkins, em entrevista

²⁶ BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. p. 35

²⁷ Com exceção de uma fotografia, na qual de fato estive retratada, quando visitei o ensaio, bastidores e apresentação de um grupo de dança cristã.



constatou: *“Já foi sugerido muitas vezes que, por ser separada do Estado nos EUA, a religião virou livre iniciativa. Vemos essas enormes igrejas com pastores performáticos parecidos com astros do rock, bandas, dançarinas e centros recreativos para idosos aposentados. Enormes igrejas competindo umas com as outras, não apenas por congregações, mas por levadas de dinheiro livre de impostos que chegam, aos montes, desses fiéis. De certa forma, a legitimação da Igreja na Inglaterra é um antídoto contra isso, pois na Grã-Bretanha religião é chato. Pelo menos a religião cristã.”*²⁸ Ou seja, em sua visão o que atrai as pessoas para o cristianismo seria o *show*, não a verdade da fé, que realmente pode parecer “chata” para quem não crê, mas é fonte de vida e libertação para quem conhece o Seu Autor. Quando se trata da fé somente, o ateísmo não sofreria tanto com isto, pois a igreja seria uma coisa “muito chata”. Cabe-nos perguntar até que ponto, infelizmente, Dawkins não está com a razão em inúmeros casos... Quantas igrejas não se transformaram em máquinas de entretenimento, empresas geridas por empresários e artistas, atraindo plateias, não ovelhas. Entretidos, não convertidos. Consumidores, e não cristãos em espírito e em verdade.

Sobre este assunto, também em mídia secular, Affonso Romano de Sant’Anna desfere duras críticas em sua crônica *“Programa de auditório e fé”*. O cronista vai dizer... *“Qual é a relação entre um programa de auditório e um culto religioso? (...) Não basta, como antigamente, cantar hinos tristes e solenes, acender velas e orar contritamente. É preciso animação, festa, gritaria para espantar o demônio e agregar os crentes. (...) Hoje se pode dizer: se Cristo quisesse fazer o Sermão da Montanha, que tratasse de trazer DVD e CD para vender. Essa seria a verdadeira multiplicação de pães e peixes. (...) A fórmula não é nova: aplicada a religião, é apenas invertida. Os cultos tradicionais faziam as pessoas chorarem e se desesperarem, a vida era mesmo uma cruz e um suplício. Ou seja, onde havia morte celebra-se a vida, onde havia imobilidade, o movimento, onde havia murmúrio e reza, agora a dança e a gritaria. Mas o princípio é o mesmo: uma pessoa conduzindo a massa, secundada às vezes por um coro, como nas tragédias gregas. (...) Isso tudo está preso àquilo que Gille Dorfles, nos anos 1960, profetizou como ‘sociedade do espetáculo’. Com efeito, a religião sempre lançou mão de rituais espetaculares como forma de agregar e emocionar. Mas a modernidade, rompendo fronteiras e transgredindo sempre, está nos presenteando com algo intrigante: a vida virou um grande shopping, um grande programa de auditório em que os perdidos tentam se salvar dançando com muita fé.”*²⁹

Além do aspecto mercadológico, cuja transformação do culto em entretenimento é a representação máxima, chama a atenção o quão questionável parece-nos a qualidade do que tem sido apresentado. Acreditamos que para sustentar o mercado e, portanto, atrair ministros (consumidores) e plateias, é preciso em certa medida abrir mão do talento, treinamento ou, mais grave ainda, do suposto “chamado para a dança”. Se Deus nos chamou, com certeza também nos habilitou. A busca por excelência deveria ser, em nosso entendimento, uma meta para todos os cristãos. Posso citar, como exemplo, minha relação pessoal com a música. Apesar de ter tido a oportunidade de estudar por alguns anos violão e piano, participando ainda de coral e orquestra de sinos na igreja, não me considero uma ministra de louvor e nem tenho tal

²⁸ Documentário de Entrevista Série Confidências com Richard Dawkins, Temporada 1, Episódio 4, Canal Philos.

²⁹ SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Programa de Auditório e a fé**. Estado de Minas. 15/01/2012.



atividade como chamado especial do Senhor. Entretanto, já toquei em cultos, inauguração de igreja, reuniões familiares e oficinas da ABU. Em todas estas ocasiões, eu era simplesmente a única opção ou atendia aos propósitos locais específicos. Entretanto, sendo identificada alguma pessoa presente mais capacitada e consagrada para a tarefa, sendo possível, jamais hesitaria em entregar-lhe o bastão. Ao revés desta postura, a total ausência de senso crítico de alguns líderes e ministros de dança realmente nos intrigam e, para citar uma expressão popular, nos provocam “vergonha alheia”. Não que a excelência justifique a dança na igreja, mas a falta dela tem provocado ainda mais consequências, especialmente diante dos não-cristãos.

Em *“Viciados em Mediocridade: Cristianismo contemporâneo e as artes”*, Frank Schaeffer desferiu um discurso viral e contundente contra o cenário artístico cristão. Apesar de não concordarmos inteiramente com toda a sua publicação, ou ainda com suas formas agressivas de expressão, não poderíamos deixar de ratificar a mensagem principal de seu livro: a cultura cristã – outrora símbolo de excelência, sofisticação, erudição e alvo de admiração quase consensual – atualmente mergulhou em tempo de escura mediocridade. Schaeffer vai golpear, ao observar o universo cristão atual: *“O comportamento na área de artes e na mídia tem feito com que algumas pessoas inteligentes rejeitem o cristianismo por completo ao observarem esse fenômeno. Muitas vezes, parece que a comunidade cristã exibe um Q.I. aproximadamente trinta pontos abaixo do que o de uma água-viva (...)”*³⁰ Não penso que os cristãos tenham Q.I. baixo, mas esta é uma crítica que constantemente ouço na academia. Precisamos então refletir por que cristãos inteligentes, tantas vezes bem intencionados, estão ratificando uma cultura questionável e agindo de modo a levantarem dúvidas quanto à sua capacidade lógica. Paulo constatava que, tantas vezes, muitos se equivocavam, mesmo que não de má fé: *“Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.”*³¹ Como diz o lema da ABU, não podemos abrir mão da reflexão: *“fé que pensa, razão que crê”*.

Por fim, cabe ressaltarmos a inadequação, em nosso entendimento, tanto das vestimentas quanto das danças executadas nos cultos da atualidade, em sua esmagadora maioria. A inclusão de ritmos e danças seculares na igreja vem acompanhada da justificativa de que precisamos “resgatar da mão do Diabo” ritmos e danças usurpados por ele. Chocou-me, em especial, alguns vídeos de celebridades gospel que se apresentaram em programas de TV não evangélicos, em tese “louvando ao Senhor” enquanto bailarinas do programa, seminuas, dançavam os hinos executados. Dentro da própria igreja, ainda, ministérios de louvor optam por trajes extremamente reveladores e sensuais, bem como músicas que fazem alusão a *hits* e coreografias populares de sucesso. *“(...) mesmo não existindo um estilo santo ou profano, não podemos nos enganar ou ser ingênuos ao pensar que os diversos estilos não têm relação com o conteúdo ou a mensagem da obra de arte. Os estilos em si são desenvolvidos como sistemas simbólicos ou veículos para certos tipos de cosmovisão ou mensagens.”*³² É preciso, nesta hora, fazer um paralelo entre a dança cristã executada pelos cristãos e a dança, com tema cristão, executada por não-cristãos.

³⁰ SCHAEFFER, Frank. **Viciados em Mediocridade**: Cristianismo contemporâneo e as artes. p.33

³¹ Romanos 10:2

³² SCHAEFFER, Francis. A. **A arte e a Bíblia**. p.64



Como exemplo, citamos o espetáculo “*Missa do Orfanato*” do Grupo Corpo. Esta companhia secular é uma das mais famosas do Brasil, de destaque mundial. Em 1989, realizou um espetáculo que coreografava uma belíssima obra sacra de Mozart, espetáculo também disponível em DVD. Ao assistir o vídeo notamos que: as roupas possuíam tons neutros e sóbrios, remetendo ao cotidiano, sendo compostas por vestidos largos e longos para as mulheres e terno para os homens; o cenário optava pela discrição e sofisticação, numa alusão à atmosfera e iluminação de antigas igrejas, seguindo os mesmos matizes do figurino. Muitos dos movimentos poderiam ser considerados grotescos, até “antisensuais”, evocando o sofrimento do homem sem Deus. Tudo foi executado com extrema excelência. A música dispensa comentários: estamos falando de Mozart. Como afirma o próprio *site* do grupo, todas estas escolhas foram intencionais, objetivando transmitir uma mensagem casada com a missiva musical: *“Em estado de contrição permanente, os corpos dos bailarinos ritualizam o desamparo, o temor, o afligimento e a solidão inerentes à natureza inapelavelmente terrena e transitória da espécie humana. (...) E, se na Missa do Corpo é o calvário do Homem que se presentifica, a comunhão com o Divino, a redenção – tanto para quem está no palco quanto para os que se encontram na plateia – se dá através da Arte: a praticada pelo grupo mineiro e a que emana da impressionante partitura sacra de um Mozart menino.”*

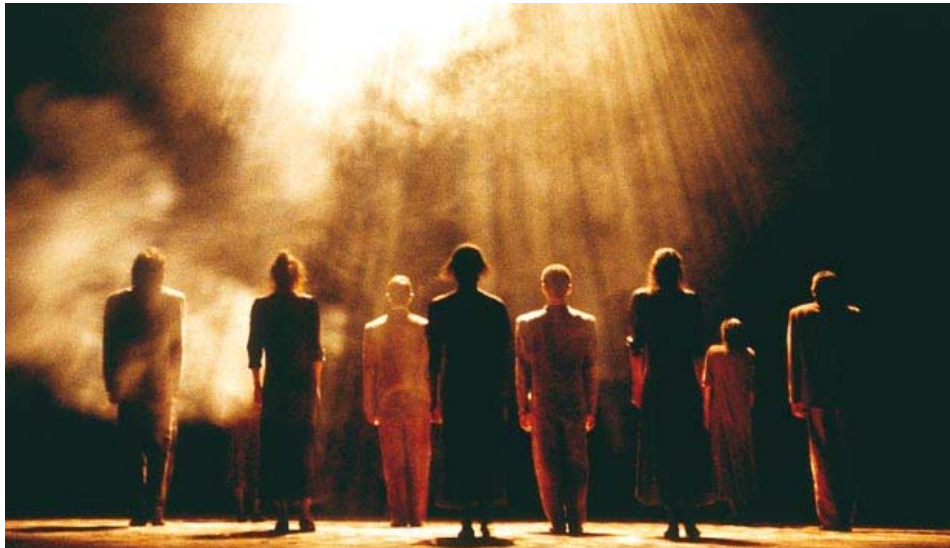
Com estes apontamentos não temos qualquer intenção de defender o evento do Grupo Corpo como um exemplo a ser seguido. Em verdade, o consideramos tão belo quanto dispensável, por uma série de questões que não cabe aprofundarmos. O ponto aqui é outro: por que coreógrafos, figurinistas e bailarinos seculares conferiram tais objetivos, características e valores a um espetáculo com tema cristão, mas o mesmo não se verifica quando os próprios cristãos elaboram os seus espetáculos? E não cabe a afirmação de que se trata do perfil do grupo, o que não é o caso. Nem tampouco cabe atribuir ao fato da música ser antiga, pois este mesmo grupo já interpretou peças de Bach com extrema volúpia e figurinos ousados e contemporâneos, centrados no homem e no corpo. Percebemos, na *Missa do Orfanato*, total intencionalidade nas escolhas, mergulhando na estética e cultura tradicionalmente atribuídas ao universo cristão. O mesmo não se verifica com frequência nas companhias de dança cristãs, que abdicam de tais preceitos, valores e estética em nome da secularização e incorporação da cultura não-cristã contemporânea, como anteriormente discorremos. O que se aplica à pintura, nesta citação, poderíamos transpor para a dança: *“(...) o cristão, nascido de novo, que não compreende o que uma cosmovisão cristã plena deve ser e, portanto, produz arte que incorpora uma cosmovisão não-cristã. Em outras palavras, da mesma maneira que é possível o não-cristão ser inconsistente e pintar o mundo de Deus apesar de sua filosofia pessoal, também é possível o cristão ser inconsistente e incorporar em suas pinturas uma cosmovisão não-cristã. Este último talvez seja o mais triste de todos.”*³³

ROOKMAAKER caminha no mesmo sentido... *“Queremos que os artistas sejam sérios e criem coisas profundas com um valor quase eterno, coisas sobre as quais as pessoas ligadas àquela cultura possam conversar séculos mais tarde. Porém, se eles quiserem alcançar sucesso, são forçados a aderir aos gostos do momento, a ser comerciais e a fazer papel de palhaço em vez de sábio. Claro que esse não é um problema novo. Tem sido assim desde o século 18, quando o*

³³ SCHAEFFER, Francis. A. **A arte e a Bíblia**. p.58



antigo conceito do artista como artesão começou a ser trocado por um conceito que o considerava tanto um gênio talentoso quanto um segregado social e econômico. Os artistas cristãos também têm de lidar com essas complicadas tensões. Contudo, seus problemas frequentemente são maiores porque é difícil para qualquer cristão viver em um mundo pós-cristão.”³⁴



Espectáculo Missa do Orfanato do Grupo Corpo
Fonte: vejabh.abril.com.br

Para retornarmos o debate à questão do “resgate das mãos do Diabo”, encontramos pouca fundamentação nesta afirmação, visto que não-cristãos parecem estar optando por selecionar melhor do que nós mesmos o que a nossa própria cultura tem de excelente. Este resgate, ainda, soa tão absurdo quanto afirmar que precisamos resgatar o “calção e o maiô” das mãos do Diabo e introduzi-los na igreja. Em alguns casos, não se trata de “pecado”, mas de impropriedade. Se ao cristão parece lícito usar um calção na praia, a extrapolação não o conduz a usar o mesmo traje na igreja! O mesmo, a nosso ver, vale para a música e para a dança. No caso da dança, trata-se de um esporte extremamente divertido, belo e saudável, quando praticado sem exageros e com sabedoria. Até mesmo as igrejas mais tradicionais reconhecem o lugar da dança na sociedade e sua legitimidade, quando bem contextualizada.³⁵ O cristão, com bom senso, pode exercitar a dança numa roda de brincadeira de acampamento, numa festa de ambiente saudável, na academia, em casa com seu esposo/esposa ou, ainda, de forma artística em apresentações, prestando atenção atentamente em qual situação e qual tipo de dança esta prática não abriria portas para o escândalo e a lascívia em público. Entendemos que em nenhuma destas situações o cristão estaria pecando, nem contradizendo a Bíblia, salvo se o seu espírito lhe apontasse o contrário, ou se o seu testemunho estivesse abalando a fé dos mais fracos presentes.

³⁴ ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa**. p.9

³⁵ “O Supremo Concílio reconhece que as danças são uma expressão cultural e que podem ser realizadas nas atividades culturais das igrejas locais, desde que não em ambiente de culto, e desde que não provoquem a lascívia, a sensualidade e escândalos.” IPB. **Carta Pastoral e Teológica sobre Liturgia na IPB**. P.15,16



Também não parece fazer sentido a seguinte justificativa: é melhor que o jovem dance na igreja do que esteja fora dela. Um número significativo de ministros de dança já eram dançarinos antes de se converterem e/ou entrarem para o ministério, sendo extremamente comum o relato de que “abandonar” a dança consistia em uma angústia e que, dançar na igreja veio para solucionar este problema. Contudo, se a única coisa que segura o jovem na igreja é a dança, há algo de errado com sua conversão. O melhor seria dizermos: é preferível que o jovem esteja na igreja e, caso queira dançar, o faça fora dela com sabedoria e adequação. *“Não há desculpas para a aceitação dessa mediocridade. A justificativa de que ‘as vezes pessoas são salvas’ não é justificativa de modo algum. As pessoas têm sido salvas em campos de concentração porque Deus pode transformar o mal em bem, mas isso não justifica o mal.”*³⁶

Recordo-me, certa vez, do comentário de meu professor de piano, que não era cristão e que havia visitado uma famosa igreja evangélica a convite de um amigo: *“Ana, eu fiquei horrorizado, as pessoas pareciam estar dançando o tchan no culto!”*. O pianista achou tudo aquilo estranho e de profundo “mau gosto”. *“(…) na interpretação protestante brasileira, partilhada por todas as igrejas do protestantismo histórico de missão, a dança seria uma versão simbólica do ato sexual; (...)”*³⁷ Se a dança tem atraído pessoas às igrejas, também as tem afastado. E indo além... quantas destas pessoas que lotam os bancos de nossos templos realmente tiveram um encontro pessoal com Deus ou estão ali somente pelo entretenimento? Isto nos leva ao nosso último tópico, as questões espirituais envolvendo o culto e a dança.

³⁶ SCHAEFFER, Frank. **Viciados em Mediocridade**: Cristianismo contemporâneo e as artes. p.53,54.

³⁷ CUNHA, Magali. **A Explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. p. 148,149



5 – APORTE ESPIRITUAL DA DANÇA CRISTÃ

Como a vida espiritual é um caminho pessoal com Deus, abordamos a questão de modo também particular, compartilhando com os leitores a nossa visão, portanto, a parte mais subjetiva da pesquisa. Para este tópico, gostaríamos de abordar dois aspectos: o impacto da dança cristã na vida do ministro de dança e na vida dos fiéis na igreja, em nossa opinião.

O primeiro resultado de nossa imersão e pesquisa na questão da dança cristã consistiu na desconstrução de um estereótipo único quanto ao ministro de dança. Nesta caminhada, conhecemos pessoas fantásticas e outras muito difíceis, algumas carinhosas e outras agressivas, e assim por diante. Principalmente no que tange a adolescentes e crianças, identificamos corações que aparentavam bastante sinceridade, o que inclusive nos levou às lágrimas ao constatarmos, ao final, que nossas conclusões lhes trariam, em alguma medida, certa frustração. Mas a busca pela verdade bíblica deve, a nosso ver, suplantar possíveis prejuízos pessoais de curto prazo, em nome de um benefício maior para o Reino e para a igreja, bem como para a própria pessoa em longo prazo.

No que tange à liderança, infelizmente não tivemos uma impressão geral positiva. A inacessibilidade, a recusa em responder o questionário, retornar as ligações e e-mails, etc. causou-nos profundo estranhamento, visto que deveria ser um prazer para o levita compartilhar com os demais as coisas do seu ministério. Já os livros sobre dança cristã, em sua maioria, provocaram-nos profunda indignação. Praticamente todas as publicações foram utilizadas para atacar os críticos da dança cristã de modo desrespeitoso, chamando-os tantas vezes de “micais” (Mical, esposa de Davi). Alguns aproveitaram a ocasião para exercer até mesmo uma aparente vingança, relatando casos extensos de “perseguição” e omitindo os nomes, mas com detalhes tão pormenorizados que, com certeza, os circunstantes do contexto específico saberão identificar os personagens, numa narrativa “dantesca”, por assim dizer. Uma pessoa, em sua publicação, relata como, ao fazer um curso de dança na Broadway, lembrou-se de tudo que havia passado na vida, das palavras de coragem, mas também lembrou-se das pessoas que nunca acreditaram em seu chamado. As inúmeras viagens, os DVDs gravados, o sucesso numérico e de público dos ministérios, por fim, foram sempre apresentados como uma justificativa para a manutenção destes, bem como considerados uma “vitória sobre os inimigos” (no caso, os próprios cristãos que “ousam” questionar a liderança e “tocar nos ungidos”). Geralmente, quando se fala em bênção através da dança, não se trata da dança *per se* como ministério, mas do que ela traz consigo: viagens, reconhecimento, recursos financeiros, etc. Não ficou claro, ainda, como a dança edifica espiritualmente o dançarino e, a meu ver, isto também não está muito bem claro para os próprios ministros.

Para além do clima de animosidade, o grande espaço dado à vaidade e à autopromoção – o culto pessoal – pareceu-nos ainda mais danoso do que os atos de resistência. Constantemente encontramos pessoas afirmando que, após abrirem mão de sonhos e finanças pela dança cristã, Deus as honrou sobremaneira, como se o objetivo de obedecer fosse obter uma glória terrena futura equivalente ao que se abdicou. *Reality shows* e documentários revelam os bastidores, as



maquiagens, as fantasias, o cotidiano, os hábitos de consumo, os locais frequentados, a vida pessoal, etc. dos dançarinos e ministros de louvor. As redes sociais exibem fotos dos espetáculos, discussões sobre as técnicas e movimentos, contusões causadas pelo excesso de prática, problemas com ministros sem talento ou perícia, mas poucos momentos de reflexão bíblica e espiritual. Os relatos sobre competição, inveja e “furação de olho” são constantes. Sabemos que estes sentimentos permeiam todas as relações humanas, podendo ser encontrados em qualquer ministério. Entretanto, este cenário pareceu-nos ainda mais grave no caso da dança. Por tudo isto, tal universo em nada nos atraiu, tampouco pareceu contribuir para proporcionar ao ministro de dança um convívio saudável dentro da igreja, em muitos dos casos pesquisados, para não generalizarmos. Particularmente, atribuímos esta situação à ênfase na corporalidade da dança, associado à interpretação equivocada de que o dançarino, por ser profeta, estaria muitas vezes “acima da crítica”. Justamente esta ênfase no corpo consiste o segundo ponto de nossa reflexão...

Há lugar para a arte da dança no culto? O papel das manifestações artísticas seria o de preparar o espírito para a Palavra, porque o culto, em nossa opinião, deveria girar em torno da mesma. A “arte pela arte” teria espaço dentro da igreja, por exemplo, em exposições, concertos musicais e diversos outros eventos, onde a beleza da cultura cristã poderia ser divulgada, também para a glória de Deus e para deleite dos fruidores. Nada disto, contudo, cabe no objetivo do culto, que é o de pregar a Bíblia, refletindo de modo profundo sobre seus ensinamentos, proporcionando comunhão com Deus em comunidade. Dentro deste espírito, por séculos a igreja cristã, tanto católica, quanto protestante, procurou tirar nosso foco e atenção do homem, para colocá-lo em Deus. Assim, o pregador teria sua subjetividade minimizada pelo uso de uniforme (bata, posteriormente terno), seu corpo seria oculto pelo púlpito/suporte da Bíblia, que em muitas igrejas encontrava-se inclusive na lateral, não no centro da arquitetura. Em algumas disposições de templo sequer é possível ver o pregador em grande parte da nave. Ouvi-lo, não vê-lo, consiste no principal. Os músicos, também por séculos, localizavam-se no “coro”, atrás e acima da igreja, local onde hoje denominamos “galeria”. Deste modo, somente o som chegaria aos fiéis, não a visão dos musicistas e dos instrumentos. A própria organização da liturgia era mais dinâmica e variada³⁸, alternando hinos, leituras e orações, com o objetivo de se construir uma mensagem integrada e elevar o espírito reflexivo até o ponto alto da reunião: a ministração da Palavra. Tudo isto foi se esvaindo em um par de séculos, atingindo, na última década, uma situação alarmante.

A igreja reformada, outrora despojada e sóbria, tornou-se luxuosa e adornada, fazendo-nos retornar aos tempos prévios à Reforma Protestante, que tanto contestou a arquitetura da opulência. Os púlpitos, criados para encobrir o corpo, agora são projetados para ressaltá-lo, transformando-se em verdadeiros palcos (inclusive para a dança), onde os músicos e pastores (em geral, assumindo ambas as funções) buscam sem qualquer pudor o destaque pessoal. O uniforme deu lugar a um desfile de grifes de “roupas de ministérios”, que podem ser adquiridas nas lojas dentro da própria igreja após a reunião. O mesmo se aplica à dança, podendo-se comprar uma infinidade de “produtos gospel”, a exemplo de sapatilhas, fantasias, bolsas, *squeeze*, etc. Uma grande revista secular, em reportagem sobre o mercado da música

³⁸ Como observado hoje ainda em igrejas reformadas.



evangélica e o uso do culto na divulgação das celebridades *gospel*, comenta acerca do enorme espaço de tempo dedicado nas reuniões para o chamado “louvor”, que chega a ocupar até 70% da liturgia³⁹. Cada dia mais os cultos estão construídos para agradar os ouvintes com muita música, brincadeiras, divertimentos, danças e palavras superficiais de autoajuda. Esta ênfase no entretenimento e no louvor atribuiu à dança um papel de destaque, visto que além de assisti-la, os fieis podem também divertir-se dançando. Alguns “shows evangélicos”, inclusive, adotam uma cenografia tal que conferem à igreja uma estética de boate. Mas como acalmar o espírito para receber e meditar na Palavra, após uma hora de música agitada e dança vigorosa?

Dentro da dança, o destaque fica para o corpo, não para a mensagem, pois ao contrário dos demais ministérios (a exemplo da música e da pregação), não é possível disfarçar, amenizar ou até mesmo eliminar a presença corporal no púlpito, visto que o próprio corpo é o veículo. Mas o que este corpo veicula? Quão eficiente é o corpo para transmitir uma mensagem bíblica? Não encontramos outros veículos mais eficientes para isto, como a própria pregação? Será que a mensagem não tem se perdido na distração que o próprio corpo proporciona... a roupa, o físico do dançarino, a perícia (ou ausência dela), o figurino elaborado, a inerente sensualidade, quase impossível de se eliminar em um corpo em movimento? Até atividades físicas destituídas de relação com o sexo, como o esporte, possuem uma inerente sensualidade devido ao corpo em movimento, sensualidade esta amplamente explorada pela mídia, pelos patrocinadores, pelas fábricas de roupas esportivas e até mesmo pelos próprios atletas.

Por fim, cabe ressaltar a dificuldade de se obter um consenso quanto à mensagem transmitida pela dança, a menos que a mesma venha narrada pela letra da música. Caso contrário, dificilmente um grupo de pessoas teria a mesma interpretação do que se está comunicando somente através de movimentos. As emoções e a mensagem que se pretende comunicar com a dança não nos parecem claras. *“Portanto, mesmo utilizando estilos do século atual, não devemos usá-los de forma a sermos dominados pelas cosmovisões das quais eles surgiram. O cristianismo é uma mensagem com conteúdo proposicional próprio, não uma série de verdades ‘religiosas’ intelectualizadas. O homem deve ser abordado como um todo. Isso inclui sua mente, assim como suas emoções e sua sensibilidade estética. Logo, uma forma (ou estilo) de arte que não seja mais capaz de portar conteúdo não pode ser usada para transmitir a mensagem cristã. Não estou dizendo que o estilo em si é errado, mas que ele possui limitações.”*⁴⁰

No que tange aos ritmos e coreografias inspiradas na arte secular, não estaríamos com isto conduzindo “fogo estranho” ao altar do Senhor? (Levítico 10:1; Números 3:4) *“Em nossos tempos, essa sensibilidade para com o decoro tem se perdido. Um bom exemplo é o musical Godspell. Nele vemos alguns limites sendo negligenciados, um erro contra a norma do decoro. Tratar um tema sublime como a Paixão como se fosse um musical, que por definição é um gênero leve e voltado para o entretenimento, é errado sob qualquer aspecto. A forma não faz jus ao tema; e o tema é tratado de forma irreverente. (...) Não é de se admirar que o cristianismo perca força. Será que esses exemplos não mostram o quanto ele enfraqueceu? (...)”*

³⁹ LEVINO, Rodrigo. **Musica gospel**: Trinado, fé e dinheiro. Revista Veja, 25/11/2011.

⁴⁰ SCHAEFFER, Francis. A. **A arte e a Bíblia**. p.66



*o gênero em si é parte da comunicação.*⁴¹ Entendemos que tal afirmação de Rookmaaker, em seu excelente livro “A arte não precisa de justificativa”, poderia se aplicar ao nosso debate.

Entendemos que a dança no culto traz muitas distrações, entretém mais do que comunica, confunde mais do que edifica, sendo dispensável uma vez que outras formas de arte mais eficazes, menos polêmicas e menos corporais podem transmitir melhor a mesma coisa. Uma importante líder, fazendo uma autocrítica, afirmou que seu ministério tinha sido uma forma de esconder suas fraquezas, pois quando estava na plataforma, todos olhavam para ela, as atenções se voltavam para a sua dança. Ou seja, o que a dança parece ter a seu favor é a sua beleza e a sua capacidade de entreter. Mas aí, conforme já explicitamos, no culto Deus deveria estar no centro, jamais a arte pela arte ou o entretenimento pelo entretenimento. Precisamos nos concentrar na beleza de Deus e nos deleitar com a Sua Palavra e as verdades que esta tem a nos ensinar.

Por fim, cabe salientar que, apesar de nossa ampla dedicação ao tema com esta pesquisa, das distrações do culto, pelo menos para nós, a dança é a menor delas, pois para eliminar sua influência basta, no período de louvor, fecharmos os nossos próprios olhos. Pode parecer uma constatação sarcástica, mas não é. Lemos em um livro que a primeira vez que uma proeminente líder de ministério “dançou para O Senhor” foi em um culto familiar e que o fato de todos estarem de olhos fechados a fez despir-se de todo o constrangimento e tomar tal iniciativa. Sendo assim, fechar os olhos é tornar a dança na igreja, ainda que inadequada para o contexto, um pouco mais semelhante à realidade de Davi, um pouco mais próxima de um ato de alegria genuína perante Deus. Se os ministros estão verdadeiramente dançando para O Senhor, cremos que não irão se importar...

⁴¹ ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa**. p.56



6 - REFERÊNCIAS

Obs: Não incluímos nas referências bibliográficas as publicações de ministros de dança, mas as mesmas foram devidamente lidas e pesquisadas, bem como citadas na forma de relato ao longo do texto. Aqueles pesquisadores que desejarem saber a referência de algum relato não identificado, gentileza entrar em contato conosco.

APLICATIVO BÍBLIA SAGRADA. Versão 4.0.1, desenvolvido pela Net Filter e Maquinário Laboratório Criativo, Versão Neo Vulgata (NVg) da CNBB.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BASDEN, Paul (org). **Adoração ou show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. São Paulo: Vida, 2006.

BÍBLIA CATÓLICA. Disponível em: <www.bibliacatolica.com.br> Acesso em: 14/10/2013.

BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI. São Paulo: Vida, 2013.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. Barueri: SBB, São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVE HEBRAICO-GREGO. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. Barueri: SBB, 2002.

BÍBLIA DE ESTUDO VIDA. São Paulo: Vida, 1998.

BÍBLIA HEBRAICA. São Paulo: Sêfer, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA JUDAICA COMPLETA. São Paulo: Vida, 2010.

BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA. São Paulo: Abba Press, 2012.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <www.bibliaonline.com.br> Acesso em: 14/10/2013.

BÍBLIA SAGRADA LETRA GRANDE. Almeida Revista e Atualizada, 2 edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil: 2000.



BÍBLIA SAGRADA CNBB. São Paulo: Loyola, 2002.

BÍBLIA SAGRADA COM ENCICLOPÉDIA BÍBLICA ILUSTRADA. Barueri: SBB, 1993.

BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO. Barueri: SBB, 2012.

BÍBLIA SAGRADA DE ESTUDO VIDA. Barueri: SBB, 1986.

BÍBLIA SAGRADA EDIÇÃO COMPARATIVA. Santo André: Geográfica, 2007.

BÍBLIA SAGRADA NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE E TRADUÇÃO BRASILEIRA. Barueri, SBB, 2000.

BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição.**

CANTERBURY SHAKER VILLAGE. Disponível em: <www.shaker.org> Acessado em: 06/05/2014.

CONNOR, Steven. **Teoria e Valor Cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel:** Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Mysterium, 2007.

DAWKINS, Richard. **Documentário de Entrevista Série Confidências com Richard Dawkins.** Temporada 1, Episódio 4, Canal Philos.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS-HEBRAICO HEBRAICO-PORTUGUÊS. São Paulo: Sêfer, 2000.

FACEBOOK PERFIL “ANA VEIGA DANÇA CRISTÃ”. Disponível em: <www.facebook.com.br> Acessado em: 10/07/2014.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho.** São Paulo: Hagnos, 2011.

IPB. **Carta Pastoral e Teológica sobre Liturgia na IPB.** São Paulo: 2010.

LEVINO, Rodrigo. **Musica gospel:** Trinado, fé e dinheiro. Revista Veja, 25/11/2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/musica-gospel-trinados-fe-e-dinheiro>> Acessado em: 07/06/2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.



MATOS, Alderi Souza de. **O fascínio da heresia**: dissidência doutrinária na história cristã. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/340/o-fascinio-da-heresia-dissidencia-doutrinaria-na-historia-crista>> Acessado em: 06/05/2014.

McGRATH, Alister; McGRATH, Joanna. **O Delírio de Dawkins**: Uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MENDES, Paulo. **Noções de Hebraico Bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

NOVA BÍBLIA VIVA. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO PORTUGUÊS. Barueri: SBB, 2004.

PETERSON, Eugene H. **A Mensagem**: Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Vida, 2011.

PORTER, J. R. **A Bíblia – Guia Ilustrado das Escrituras Sagradas**: História, literatura e religião. São Paulo: Publifolha, 2009.

ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Programa de Auditório e a fé**. Estado de Minas. 15/01/2012.

SCHAEFFER, Frank. **Viciados em Mediocridade**: Cristianismo contemporâneo e as artes. São Paulo: W4 Editora, 2008.

SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010.

Observação: para outras referências vide o item “02 – Etapas e Ferramentas da Pesquisa”.



7 – ANEXOS

Anexo 01 – A ocorrência da palavra “dança” e suas derivadas na Bíblia

Categorias das Estatísticas (26 textos)

Alegria (10)

Comemorações de Vitórias (5)

Danças Pagãs (4)

Dança de Davi (3)

Louvor (2)

Rapto das Filhas de Siló (1)

Dança de Maanaim (1)

Textos incluídos nas estatísticas de ocorrência do termo “dança” e palavras derivadas:

1. Êxodo 15:20 – “Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com **danças**.” (ACF) (Comemorações de Vitórias)
2. Êxodo 32:19 – “E aconteceu que, chegando Moisés ao arraial, e vendo o bezerro e as **danças**, acendeu-se-lhe o furor, e arremessou as tábuas das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte;” (ACF) (Danças Pagãs)
3. Juízes 11:34 – “Vindo, pois, Jefté a Mizpá, à sua casa, eis que a sua filha lhe saiu ao encontro com adufes e com **danças**; e era ela a única filha; não tinha ele outro filho nem filha.” (ACF) (Comemorações de Vitórias)
4. Juízes 21:21-23 – “E olhai, e eis aí as filhas de Siló a **dançar** em rodas, saí vós das vinhas, e arrebatadi cada um sua mulher das filhas de Siló, e ide-vos à terra de Benjamim. E será que, quando seus pais ou seus irmãos vierem a litigar conosco, nós lhes diremos: Por amor de nós, tende compaixão deles, pois nesta guerra não tomamos mulheres para cada um deles; porque não lhas destes vós, para que agora ficásseis culpados. E os filhos de Benjamim o fizeram assim, e levaram mulheres conforme ao número deles, das que arrebataram das rodas que **dançavam**; e foram-se, e voltaram à sua herança, e reedificaram as cidades, e habitaram nelas.” (ACF) (Rapto das Filhas de Siló)
5. I Samuel 18:6-7 – “Sucedeu, porém, que, vindo eles, quando Davi voltava de ferir os filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e **dançando**, com adufes, com alegria, e com instrumentos de música. E as mulheres **dançando** e cantando se respondiam umas às outras, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém, Davi os seus dez milhares.” (ACF) (Comemorações de Vitórias)
6. I Samuel 21:11 – “Porém os criados de Aquis lhe disseram: Não é este Davi, o rei da terra? Não se cantava deste nas **danças**, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares?” (ACF) (Comemorações de Vitórias)
7. I Samuel 29:5 – “Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros cantaram nas **danças**, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares?” (ACF) (Comemorações de Vitórias)



8. II Samuel 6:5 – “Davi e todos os israelitas iam cantando e **dançando** perante o Senhor, ao som de todo o tipo de instrumentos de pinho, harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos.” (NVI) II Samuel 6:14-16 – “*Davi, vestindo o colete sacerdotal de linho, foi **dançando** com todas as suas forças perante o Senhor, enquanto ele e todos os israelitas levavam a arca do Senhor ao som de gritos de alegria e de trombetas. Aconteceu que, entrando a arca do Senhor na cidade de Davi, Mical, filha de Saul, observava de uma janela. E, ao ver o rei Davi **dançando** e comemorando perante o Senhor, ela o desprezou em seu coração.*” (NVI) (Dança de Davi)
9. I Reis 18:26 – “Então pegaram o novilho que lhes foi dado e o prepararam. E clamaram pelo nome de Baal desde a manhã até o meio-dia. ‘Ó Baal, responde-nos!’, gritavam. E **dançavam** em volta do altar que haviam feito. Mas não houve nenhuma resposta; ninguém respondeu.” (NVI) (Danças Pagãs)
10. I Crônicas 13:8 – “Davi e todos os israelitas iam **dançando** e cantando com todo o vigor diante de Deus, ao som de harpas, liras, tamborins, címbalos e cornetas.” (NVI) (Dança de Davi)
11. I Crônicas 15:29 – “E sucedeu que, chegando a arca da aliança do Senhor à cidade de Davi, Mical, a filha de Saul, olhou de uma janela, e, vendo a Davi **dançar** e tocar, o desprezou no seu coração.” (ACF) (Dança de Davi)
12. Jó 21:11 – “Eles soltam os seus filhos como um rebanho; seus pequeninos põem-se a **dançar**.” (NVI) (Alegria)
13. Salmo 30:11 – “Mudaste o meu pranto em **dança**, a minha veste de lamento em veste de alegria,” (NVI) (Alegria)
14. Salmo 87:7 – “Com **danças** e cânticos, dirão: ‘Em Sião estão as nossas origens!’” (NVI) (Alegria)
15. Salmo 149:3 – “Louvem o seu nome com **danças**; cantem-lhe o seu louvor com tamborim e harpa.” (ACF) (Louvor)
16. Salmo 150:4 – “Louvai-o com o tamborim e a **dança**, louvai-o com instrumentos de cordas e com órgãos.” (ACF) (Louvor)
17. Eclesiastes 3:4 – “Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de **dançar**;” (ACF) (Alegria)
18. Cantares 6:13 – “Volte, volte, Sulamita; volte, volte, para que a contemplemos. Por que vocês querem contemplar a Sulamita, como na **dança** de Maanaim?” (NVI) (Dança de Maanaim)
19. Jeremias 31:4 – “Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel! Ainda serás adornada com os teus tamborins, e sairás nas **danças** dos que se alegram.” (ACF) (Alegria)
20. Jeremias 31:13 – “Então a virgem se alegrará na **dança**, como também os jovens e os velhos juntamente; e tornarei o seu pranto em alegria, e os consolarei, e lhes darei alegria em lugar de tristeza.” (ACF) (Alegria)
21. Lamentações 5:15 – “Cessou o gozo de nosso coração; converteu-se em lamentação a nossa **dança**.” (ACF) (Alegria)
22. Mateus 11:17 – “E dizem: Tocamo-vos flauta, e não **dançastes**; cantamo-vos lamentações, e não chorastes.” (ACF) (Alegria)
23. Mateus 14:06 – “Festejando-se, porém, o dia natalício de Herodes, **dançou** a filha de Herodias diante dele, e agradou a Herodes.” (ACF) (Danças Pagãs)



24. Marcos 6:22 – “Entrou a filha da mesma Herodias, e **dançou**, e agradou a Herodes e aos que estavam com ele à mesa. Disse então o rei à menina: Pede-me o que quiseres, e eu to darei.” (ACF) (Danças Pagãs)
25. Lucas 7:32 – “São semelhantes aos meninos que, assentados nas praças, clamam uns aos outros, e dizem: Tocamo-vos flauta, e não **dançastes**; cantamo-vos lamentações, e não chorastes.” (ACF) (Alegria)
26. Lucas 15:25 – “E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as **danças**.” (ACF) (Alegria)

Textos com citação direta em poucas e/ou uma única versão, excluídos das estatísticas:

1. Joel 2:21 – “Terra, nada de medo, **dança** e canta, pois o Senhor fez coisas grandiosas.” (NVg)
2. Juízes 16:25-27 – “E estando eles de coração alegre, exclamaram: Mandai vir Sansão para nos divertir! Tiraram-no da prisão, e Sansão teve que **dançar** diante deles. Tendo sido colocado entre as colunas, Sansão disse ao jovem que o conduzia pela mão: Deixa que eu toque as colunas que sustentam o templo, e que me apóie a elas. Ora, o templo estava repleto de homens e mulheres, e estavam ali todos os príncipes dos filisteus; havia cerca de três mil pessoas, homens e mulheres, que do teto olhavam o prisioneiro **dançar**.” (VC)
3. Isaías 13:21 – “Mas as feras do deserto se deitarão ali, e as suas casas se encherão de hienas; ali habitarão os avestruzes, e ali **dançarão** os sátiros.” (TB)
4. Isaías 30:29 – “Vocês, ao contrário, estarão cantando como em noite de festa, terão o coração alegre como quem **dança** ao som da flauta, enquanto caminham para a montanha de Javé, para a rocha de Israel.” (Bíblia da CNBB)
5. Isaías 35:1,2 – “Alegrem-se o deserto e a terra seca, **dance** o chão duro, florido como a palma. Que se cubra de flores, **dance** e comemore, pois Deus lhe deu o esplendor do Líbano, a beleza do Carmelo e do Saron. Eles hão de ver a glória do Senhor, a majestade do nosso Deus.” (NVg)
6. Isaías 41:16 – “E quando fores abanar, o vento tudo carrega, a ventania vai espalhá-los. E tu estarás **dançando** pelo Senhor, fazendo festa ao Santo de Israel.” (NVg)
7. Habacuque 1:15 – “Eles nos pescam de anzol, arrastam em sua rede ou recolhem na tarrafa; e por isso dão risadas e **dançam** de alegria.” (NVg)
8. Zacarias 10:7 – “O pessoal de Efraim se fará de valente, alegres de espírito como que tocados pelo vinho, a população verá e contente ficará, o coração **dançando** de alegria pelo Senhor.” (NVg)
9. Zacarias 9:9 – “**Dança** de alegria, filha de Sião, dá vivas, filha de Jerusalém, pois agora o teu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num burrico, filhote de jumenta.” (NVg)



Anexo 02 – Questionário da pesquisa Dança Cristã, repassado aos ministros de dança (os espaços para resposta foram removidos deste anexo, mas constavam nos impressos)

PESQUISA SOBRE DANÇA CRISTÃ	
Esta pesquisa tem por objetivo conhecer mais a dança cristã, para elaboração de palestras e textos acerca do assunto na ABUB – Aliança Bíblica Universitária do Brasil. É coordenada por Ana C. R. Veiga, professora universitária e assessora auxiliar da ABU-BH. Mais informações sobre a pesquisa podem ser obtidas no Facebook do projeto “Ana Veiga Dança Cristã”, pelo e-mail pesquisadancacrista@gmail.com ou pelos telefones (31) 9301-0097/2127-1323	
DADOS SIGILOSOS	
Estes dados pessoais (nome, e-mail, telefone, idade, profissão, ministério e igreja) não serão repassados ou divulgados em nenhuma hipótese, servindo somente para comprovação da existência do respondente e de seu vínculo com a dança cristã.	
Nome:	
E-mail:	
Telefone:	Idade:
Profissão:	
Ministério de dança a qual pertence:	
Igreja a qual pertence:	
QUESTIONÁRIO	
Entendemos por dança cristã todas as categorias de danças envolvendo cristianismo: dança litúrgica, dança na liturgia, dança espiritual ou dança profética. Caso deseje, você pode falar somente sobre a dança cristã no geral, ou especificar seus comentários sobre cada modalidade de dança cristã listada acima. Não há limite de linhas máximo ou mínimo para responder o questionário, fique a vontade para escrever muito ou pouco, como desejar.	
1 – Como a dança cristã surgiu na sua vida? Você já dançava antes de entrar para o ministério de dança?	
2 – Quais são as coisas que você mais gosta na dança cristã?	
3 – Qual o impacto que a dança cristã exerceu na sua vida espiritual? E na vida da sua igreja?	
4 – Se pudesse, o que você mudaria na dança cristã e/ou no ministério de dança nos dias de hoje?	
5 – Como você vê a dança, de modo geral, e a dança cristã na sua vida no futuro? Pretende continuar dançando na igreja (ministérios) ou fora da igreja (lazer, profissionalmente, etc)?	
6 – Quais os seus ministérios prediletos (grupos de dança cristã, ministros de dança, etc.)?	
7 – Compartilhe aqui opiniões, sugestões e pensamentos sobre dança cristã que não foram mencionados nas perguntas anteriores.	
OBRIGADA PELA SUA RESPOSTA! QUE DEUS TE ABENÇOE RICAMENTE!	